



P E N G U I N  C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

IVAN TURGUÊNIEV

Primeiro amor

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

IVAN
TURGUÊNIEV

Primeiro amor

Tradução do russo e introdução de
RUBENS FIGUEIREDO





PRIMEIRO AMOR

IVAN SERGUÊIEVITCH TURGUÊNIEV (1818-83) foi prosador, poeta, dramaturgo, tradutor e ensaísta russo. Nasceu na província de Oriol, na vasta propriedade rural de sua mãe. Mulher autoritária e brutal, Varvara Petrovna exercia um poder tirânico sobre os servos e os filhos. O pai, embora de linhagem aristocrática e de instrução e hábitos refinados, não tinha dinheiro e casou por conveniência. Em 1833, Ivan Turguêniev começou a estudar na Universidade de Moscou e no ano seguinte transferiu-se para a Universidade de São Petersburgo. Após formar-se, em 1837, partiu para a Europa, que ele — a exemplo da elite russa em geral — encarava como sede do conhecimento e fonte de uma cultura superior. Na Europa, travou relações com importantes intelectuais russos, como o crítico Bielínski e Bakúnin, o teórico e militante do anarquismo. Turguêniev nunca se casou, mas na Europa começou um relacionamento, que perdurou até o fim da vida, com a cantora hispano-francesa Pauline Viardot-Garcia. Mulher casada, assim continuou, e na velhice Turguêniev chegou a dizer que Pauline e o marido eram sua única família. Desde essa época, Turguêniev costumava passar metade do ano na França e metade na Rússia. O livro *Memórias de um caçador* (1852), que reúne seus primeiros contos, consagrou-se de imediato na Rússia como denúncia do regime da servidão. Nesse ano, por causa do livro e também devido a um panfleto que divulgou no enterro do escritor Nikolai Gógol, Turguêniev foi preso e depois confinado em sua propriedade rural por mais de um ano. Em seguida lançou seus romances mais importantes: *Rúdin* (1856), *Ninho de nobres* (1859), *Na véspera* (1860) e *Pais e filhos* (1862). De índole transigente, moderada, pouco afeito a conflitos, naqueles anos, por conta de seus livros, Turguêniev se viu no centro de polêmicas encarniçadas. Tais debates já eram travados havia bastante tempo na Rússia, mas as obras de Turguêniev souberam dar a eles uma imagem concreta, uma forma viva, e se tornaram o foco das energias em disputa. Além de romances, Turguêniev se destaca pela qualidade de um grande número de contos e novelas, que publicava regularmente. Movimentava-se com desenvoltura pelos círculos artísticos e literários da Europa, onde era respeitado e admirado pelos expoentes de seu tempo. Mais que ninguém, incentivou e promoveu a tradução de obras russas contemporâneas, mesmo quando se tratava de escritores que o acusavam de ocidentalizado e elitista. Extremamente culto, lia em latim e em grego. Dominava várias línguas europeias e era tão competente em francês que seu

último texto, um conto sobre um naufrágio (lembança de um fato vivido por ele), foi ditado nesse idioma para Pauline Viardot quando o escritor estava acamado, padecendo do câncer que o levaria à morte pouco depois. Seu corpo foi transportado da França para a Rússia, onde foi enterrado. Seu cortejo fúnebre deu ensejo a manifestações populares.

RUBENS FIGUEIREDO nasceu em 1956, no Rio de Janeiro, e é escritor e tradutor. Entre suas obras estão os romances *Barco a seco* (2001, Prêmio Jabuti na categoria Romance), *Passageiro do fim do dia* (2010, Prêmio Portugal Telecom e Prêmio São Paulo de Literatura) e os livros de contos *As palavras secretas* (1998, Prêmio Jabuti na categoria Contos e Crônicas), *Contos de Pedro* (2006) e *O livro dos lobos* (2009). Suas traduções incluem obras dos russos Anton Tchêkhov, Ivan Turguêniev, Ivan Gontcharóv e Liev Tolstói. Recebeu o prêmio da Biblioteca Nacional pela tradução de *Ressurreição* (2010) e o prêmio da Academia Brasileira de Letras pela tradução de *Guerra e paz* (2012), ambos de Tolstói.

Sumário

Introdução — Rubens Figueiredo

PRIMEIRO AMOR

Introdução

RUBENS FIGUEIREDO

Primeiro amor foi escrito e publicado em 1860, quando Turguêniev tinha 42 anos. Havia ganhado projeção nos anos anteriores com a publicação dos contos de *Memórias de um caçador* (1852) e dos romances *Rúdin* (1856), *Ninho de nobres* (1859) e *Na véspera* (também em 1860). Todos esses livros têm forte cunho social e político. Basta dizer que, após a publicação de *Memórias de um caçador*, Turguêniev ficou preso por um mês e, em seguida, foi confinado em sua propriedade rural por mais de um ano.

Em 1862, publicou o romance *Pais e filhos*, que suscitou aquilo que talvez tenha sido a maior polêmica intelectual no país até então. No livro, Turguêniev focalizava em primeira mão o surgimento dos novos revolucionários que, daquele momento em diante e por décadas, marcaram a vida intelectual e política da Rússia.

Para termos uma ideia melhor das tensões que se concentraram nos poucos anos que envolvem esse conjunto de obras, é importante lembrar que em 1861, enfrentando grandes pressões, o tsar Alexandre II decretou o fim do regime do trabalho servil — sistema em que o camponês era privado dos direitos mais elementares e pouco se diferenciava de um escravo. Havia cerca de 22 milhões de servos no Império Russo, e a abolição da servidão, nos termos limitados em que foi implementada, gerou insatisfações e turbulência.

Dessa forma, chama atenção, antes de tudo, o fato de a novela *Primeiro amor* não apresentar o mesmo teor de observação e de análise social e histórica patentes em seus livros anteriores. É preciso lembrar, no entanto, que em 1858 Turguêniev publicara a novela *Ássia*, na qual também as relações amorosas entre jovens estão em primeiro plano. Porém, mesmo nesse caso, pode-se dizer que, de forma sutil, Turguêniev sugere a presença de uma dimensão alegórica nos desejos, receios e dúvidas dos dois rapazes em torno do amor de Ássia. Como se, subjacentes, estivessem em disputa as opções históricas para o país.

Já em *Primeiro amor* Turguêniev parece abstrair a história presente e concentrar suas energias no terreno dos afetos. Não que nos demais livros do autor essa dimensão seja irrelevante ou secundária. Ao contrário. A observação matizada dos movimentos da vida interior sempre constituiu um dos grandes trunfos do escritor. Uma das chaves da técnica de Turguêniev reside na construção de uma perspectiva que estabelece uma distância entre os protagonistas e o que se passa de fato à sua volta. Incompreensão, ingenuidade, frustração, aspirações desmedidas, indecisão — são vários os mecanismos com que Turguêniev instaura e regula essa distância. Em especial, recorre à hesitação como um instrumento para retardar a ação, aumentar a tensão e, assim, ampliar o alcance e o significado de cada momento e de cada detalhe.

A raiz autobiográfica de *Primeiro amor* e a adoção do ponto de vista de um adolescente sem dúvida contribuíram mais ainda para que o livro tomasse essa direção. Pois, em termos gerais, o que se passa entre os principais personagens do relato — o protagonista adolescente, o pai, a mãe e a vizinha — reproduz uma situação vivida de fato por Turguêniev, quando muito jovem. E se a figura da mãe, no livro, não parece corresponder ao que sabemos sobre a mãe do escritor, o personagem paterno guarda fortes semelhanças com aquilo que Turguêniev escreveu sobre o próprio pai e sobre a maneira como o encarava.

Turguêniev nasceu rico e jamais precisou trabalhar. Podemos imaginar a vastidão das terras de sua mãe pelo número de servos nelas abrigados: quase 5 mil. Depois de se formar na Universidade de São Petersburgo, em 1837, viajou para Berlim, travou amizade com

intelectuais europeus e russos exilados, entre os quais Bakúnin, que logo se tornaria um dos mentores do anarquismo e também um dos revolucionários mais perseguidos em toda a Europa. Entre os muitos conhecimentos de Turguêniev nos meios intelectuais, também figurava Bielínski, crítico e polemista célebre, referência para os círculos intelectuais que almejavam mudanças profundas na Rússia.

A partir de 1843, após conhecer a cantora de ópera Pauline Viardot, Turguêniev passou a levar uma espécie de vida dupla: metade do ano morava em Paris; outra metade, na Rússia. Essa situação reflete, no plano pessoal, um conflito vivenciado pela sociedade russa, que se via como inferior e atrasada em relação aos países europeus ricos, tidos como modelos, mas ao mesmo tempo se empenhava, a todo custo, em manter o contato com as tradições seculares de sua cultura, inassimiláveis ao mundo moderno. Esse conflito vai se manifestar de formas variadas e discrepantes e está presente mesmo nas opções formais dos escritores da época.

Na novela *Primeiro amor*, Turguêniev adota a perspectiva de um adolescente e, desse ângulo, põe em questão a idealização das relações afetivas e os pressupostos do romantismo, que a Rússia importara em bloco da Europa ocidental, décadas antes. O choque entre as ilusões e os fatos, entre as aspirações abstratas e as relações cotidianas, bem como a relutância em admitir tal choque se articulam para reconstituir um momento crítico de aprendizado e de amadurecimento pessoal.

Algumas vezes Turguêniev se disse um “ocidentalista”, em contraposição aos “eslavófilos” — termos empregados na época e que, da perspectiva atual, só podem exprimir uma simplificação um tanto grosseira da verdadeira riqueza dos debates em curso na Rússia. Os meandros contraditórios daqueles debates e da própria posição histórica do país constituem a matéria de fundo dos livros de Turguêniev. E embora se dissesse às vezes um ocidentalista, como escritor Turguêniev deixa patente a consciência de que o conflito é mais dinâmico e produtivo do que a mera coerência desta ou daquela posição em si. Talvez por procurar justamente a dinâmica do conflito, suas narrativas tantas vezes tomem o aspecto de peças de teatro e distribuam as cenas como atos de um drama. É o que ocorre em

Primeiro amor, embora o texto se apoie bem menos em diálogos do que outros livros do autor.

Turguêniev foi o primeiro autor russo a ser traduzido na Europa e fez amizade com escritores como Henry James e Flaubert, que admiravam profundamente seus livros. Flaubert, numa carta, disse: “Suas descrições pensam”. Em *Primeiro amor*, podemos observar aquilo de que Flaubert estava falando. Os elementos que compõem as descrições do jardim, do céu, dos gestos, das fisionomias, dos cavalos se desdobram em questionamentos, em proposições, que ganham alcance e densidade à medida que os conflitos também se avolumam. A fim de reproduzir tal efeito, esta tradução fez o possível para preservar a maneira como o autor distribui os procedimentos de contenção e de ênfase.

Turguêniev morreu na França em 1883 e seu caixão foi levado de trem para a Rússia. Foi enterrado, como queria, ao lado de Bielínski, seu mentor intelectual de toda a vida. O cortejo fúnebre de Turguêniev deu ocasião a manifestações populares, o que era comum em enterros de escritores na Rússia. Há muito a ganhar se lermos *Primeiro amor* tendo em mente esse quadro histórico. E se não deixarmos passar em branco a referência, nas primeiras páginas do relato, aos meninos magros e esfarrapados que trabalham numa fábrica de papel de parede e, na última página, à morte de uma velha miserável.

Primeiro amor

*Dedicado a P. V. Ánnenkov**

* Pável Vassílievitch Ánnenkov (1813-87), crítico literário e memorialista russo. (N. T.)

Fazia muito tempo que os convidados tinham ido embora. O relógio deu meia-noite e meia. Além do anfitrião, apenas Serguei Nikoláievitch e Vladímir Petróvitch haviam ficado na sala. O anfitrião tocou a sineta e mandou retirar os restos do jantar.

— Então, este assunto está decidido — declarou, se acomodando mais fundo na poltrona e começando a fumar um charuto. — Cada um de nós terá de contar a história de seu primeiro amor. O senhor é o primeiro, Serguei Nikoláievitch.

Homem gorducho, de rosto louro e roliço, Serguei Nikoláievitch primeiro fitou o anfitrião, depois ergueu os olhos para o teto.

— Eu não tive um primeiro amor — disse, afinal. — Comecei logo pelo segundo.

— Como assim?

— Muito simples. Eu tinha dezoito anos quando, pela primeira vez, flertei com uma senhorita absolutamente encantadora; mas a cortejei como se aquilo não fosse uma novidade para mim: da mesma forma como, depois, cortejei outras. Propriamente falando, me apaixonei pela primeira e última vez aos seis anos de idade, pela minha babá; mas isso faz muito tempo. Os detalhes de nosso relacionamento apagaram-se de minha memória, e, mesmo se eu ainda me lembrasse deles, a quem isso poderia interessar?

— Então, o que fazer? — começou o anfitrião. — No meu primeiro amor, também não há muito de interessante; não me enamorei por ninguém, até conhecer Anna Ivánovna, minha esposa... e tudo entre

nós correu sem nenhum percalço: nossos pais entraram em acordo, nos apaixonamos muito rapidamente e nos casamos sem demora. Minha história se conta em duas palavras. Eu, cavalheiros, confesso que, ao levantar a questão do primeiro amor, tinha esperança nos senhores, solteirões, não digo velhos, porém já não tão jovens. A menos que o senhor queira nos entreter com alguma coisa, Vladímir Petróvitch.

— Meu primeiro amor, de fato, pertence à classe daqueles que nada têm de comum — respondeu, com uma pequena hesitação, Vladímir Petróvitch, homem de quarenta anos, cabelos pretos, com toques grisalhos.

— Ah! — exclamaram o anfitrião e Serguei Nikoláievitch a uma só voz. — Tanto melhor... Conte.

— Pois não... ou melhor, não vou contar; não sou nenhum mestre da narração: vai sair seca e curta, ou então prolixa e falsa; no entanto, se me permitirem, escreverei num caderno tudo de que me lembro... e lerei para os senhores.

De início, os amigos não concordaram, mas Vladímir Petróvitch fincou pé. Duas semanas depois, eles se encontraram outra vez, e Vladímir Petróvitch cumpriu a promessa.

Eis o que estava em seu caderno.

I

Eu tinha então dezesseis anos. Aconteceu em 1833.

Morava em Moscou, com meus pais. Eles tinham alugado uma datcha* perto dos portões de Kaluga, em frente ao Jardim Neskútchni. Eu estava me preparando para entrar na universidade, mas estudava pouco e não me apressava.

Ninguém cerceava minha liberdade. Eu fazia o que bem entendia, sobretudo depois que me librei de meu último preceptor francês, o qual não conseguia de maneira nenhuma se habituar à ideia de que ele caíra na Rússia “como uma bomba” (*comme une bombe*) e passava dias inteiros estirado na cama com uma expressão irritada no rosto. Meu pai me tratava com um carinho indiferente; mamãe quase não me dava atenção, embora não tivesse outros filhos além de mim: preocupações de outra ordem a absorviam. Meu pai, homem ainda jovem e muito bonito, casou por interesse; mamãe era dez anos mais velha que ele. Levava uma vida triste: constantemente ficava nervosa, tinha ciúmes, se zangava — mas não na presença de meu pai; tinha muito medo dele, que se mostrava severo, frio, distante... Nunca vi homem mais requintado, tranquilo, seguro de si e autoritário.

Jamais esquecerei as primeiras semanas que passei naquela casa. O tempo estava maravilhoso; chegamos da cidade no dia 9 de maio, exatamente no dia de são Nicolau. Eu passeava — ora no jardim de nossa casa, ora no Jardim Neskútchni, ora para além do portão de

Kaluga —; levava comigo um livro qualquer — o curso de Kaidánov, por exemplo —, mas raramente o abria, e em vez disso recitava poemas em voz alta, pois sabia muitos de cor; o sangue fervia dentro de mim e o coração gemia — de maneira doce e ridícula: eu esperava tudo, temia não sabia o quê, me admirava com tudo e estava pronto para qualquer coisa; a fantasia brincava e rodopiava depressa em redor das mesmas imagens, como pássaros em torno do campanário ao raiar do dia; eu andava pensativo, tristonho e até chorava; mas através das lágrimas e da tristeza, insufladas ora por um verso melodioso, ora pela beleza da tarde, brotava, como a grama da primavera, o sentimento alegre da vida jovem e em ebulição.

Eu tinha um cavalo de montaria, eu mesmo o selava e cavalgava sozinho para longe, para qualquer lugar, lançava-me a galope e me imaginava um cavaleiro medieval num torneio — como o vento soprava alegre em meus ouvidos! —, ou, virando o rosto para o céu, absorvia na alma aberta sua luz radiante e seu azul.

Lembro que naquele tempo uma imagem de mulher, o sinal de um amor feminino, quase nunca surgia em minha mente com traços definidos; mas em tudo que eu pensava, em tudo que eu sentia, se ocultava o pressentimento semiconsciente e envergonhado de algo novo, indescritivelmente doce, feminino...

Esse pressentimento, essa expectativa, penetrava todo meu ser: estava em minha respiração, corria em minhas veias, em cada gota de sangue... Estava destinado a se tornar realidade, em breve.

Nossa datcha consistia em um casarão de madeira com colunas e duas casas de fundos, de um só andar; na da esquerda estava instalada uma pequenina fábrica de papel de parede barato... Várias vezes eu ia lá olhar como uma dezena de meninos magros e desgrehados, em túnicas sebosas, de rostos chupados, pulavam sobre as alavancas de madeira que comprimiam blocos de prensas quadradas e, desse modo, com o peso de seus corpos débeis, estampavam os desenhos coloridos nos papéis de parede. A casa de fundos da direita estava vazia, para alugar. Certo dia — umas três semanas depois de 9 de maio —, as persianas das janelas daquela casa de fundos se abriram, revelaram rostos de mulher — alguma família tinha se alojado ali. Lembro que naquele mesmo dia, durante o almoço, mamãe indagou ao mordomo

quem eram nossos novos vizinhos e, ao ouvir o sobrenome da princesa Zassiékina, de início exclamou, não sem certo respeito: “Ah! Uma princesa...”, mas depois acrescentou: “Deve ser uma pobre qualquer”.

— Vieram em três coches de aluguel — comentou o mordomo, enquanto servia uma travessa, respeitosamente. — Não possuem carruagem própria e a mobília é modestíssima.

— Sim — respondeu mamãe. — No entanto, é melhor assim.

Meu pai dirigiu-lhe um olhar frio: ela se calou.

De fato, a princesa Zassiékina não podia ser rica: a casa de fundos ocupada por ela era tão velha, pequena e modesta que mesmo pessoas de poucos recursos não aceitariam alojar-se ali. De resto, na ocasião, não prestei a menor atenção àquilo. O título de princesa tinha pouco efeito sobre mim: fazia tempo que eu lera *Os bandoleiros*,** de Schiller.

* Casa de campo ou veraneio típica da Rússia, em geral com área verde. (N. T.)

** Drama em prosa, de 1871, de Friedrich Schiller (1759-1805), escritor alemão. Marco do romantismo. (N. T.)

II

Eu tinha o costume de vagar toda tarde pelo nosso jardim com uma espingarda e vigiar os corvos. Fazia tempo que eu sentia ódio daqueles pássaros cautelosos, vorazes e astutos. No dia de que estou falando, também fui ao jardim — e depois de percorrer em vão todas as alamedas (os corvos me reconheciam e apenas grasnavam de longe, a intervalos), me aproximei por acaso da cerca baixa que separava nossos domínios, propriamente falando, da estreita faixa de terra do jardim que se estendia atrás da casa de fundos da direita e que pertencia a ela. Eu caminhava de cabeça baixa. De repente, ouvi vozes; olhei para o outro lado da cerca — e fiquei petrificado. Um espetáculo estranho apareceu diante de meus olhos.

A poucos passos de mim, numa clareira, entre arbustos verdes de framboesas, estava uma menina alta e formosa, num vestido de listras cor-de-rosa e com um lencinho branco na cabeça; em torno dela se aglomeravam quatro jovens, e ela batia alternadamente na testa deles com pequeninas flores cinzentas cujo nome ignoro, mas que são muito conhecidas das crianças: essas flores possuem uns saquinhos miúdos que se rompem com um estalo quando batemos com eles em algo mais duro. Aqueles jovens se revezavam com tanta boa vontade para oferecer sua testa — e nos movimentos da menina (eu via tudo de lado) havia algo tão encantador, cativante, carinhoso, engraçado e meigo que quase dei um grito de admiração e de prazer e tive a

impressão de que, naquela hora, daria tudo no mundo só para que aqueles dedinhos encantadores também batessem em minha testa. Minha espingarda escorregou e caiu no chão, esqueci tudo, devorei com o olhar aquela cintura esbelta, o pescoço, as mãos bonitas, os cabelos louros, ligeiramente despenteados por baixo do lencinho branco, os olhos inteligentes semicerrados, as pestanas e a face tenra abaixo delas...

— Rapaz, ei, rapaz — exclamou de repente uma voz a meu lado. — Acha que é permitido olhar assim para mocinhas estranhas?

Estremeci, fiquei perplexo... Perto de mim, do outro lado da cerca, estava um homem de cabelo preto e curto, que me fitava com ar irônico. No mesmo instante, a menina voltou-se para mim... Vi enormes olhos cinzentos num rosto comovente, cheio de vida — e de repente todo aquele rosto começou a tremer, começou a rir, dentes brancos cintilaram, sobrancelhas se ergueram de um jeito meio engraçado... Fiquei vermelho, apanhei a espingarda no chão e, perseguido pelo riso estridente, mas sem maldade, fugi para meu quarto, joguei-me na cama e cobri o rosto com as mãos. Meu coração dava pulos; eu estava muito envergonhado e alegre: sentia uma emoção que nunca experimentara.

Depois de descansar, penteei-me, escovei a roupa e descii para o chá. A imagem da menina permanecia à minha frente, o coração tinha parado de pular, mas se contraía de um jeito agradável.

— O que há com você? — perguntou meu pai, de repente. — Matou um corvo?

Senti vontade de lhe contar tudo, mas me contive e apenas sorri por dentro. Antes de me deitar para dormir, sem que eu mesmo soubesse para quê, rodopiei três vezes num pé só, passei pomada no cabelo, deitei e dormi a noite inteira como uma pedra. Antes de amanhecer, acordei por um instante, ergui a cabeça, olhei à minha volta, em êxtase — e adormeci outra vez.

III

“Como posso ser apresentado a ela?” Foi meu primeiro pensamento, ao despertar. Antes do chá, fui ao jardim, mas não me aproximei demais da cerca e não vi ninguém. Depois do chá, passei algumas vezes pela rua em frente à datcha — e, de longe, espiava as janelas... Pareceu-me ver seu rosto atrás da cortina e, assustado, me afastei depressa. “No entanto, preciso ser apresentado a ela”, pensava, enquanto perambulava sem rumo pelo terreno plano e arenoso que se estendia na frente do Jardim Neskútchni. “Mas como? Essa é a questão.” Lembrava os mínimos detalhes do encontro da véspera: por algum motivo, eu via de modo especialmente claro como ela rira de mim... Porém, enquanto eu me exaltava e elaborava vários planos, o destino já havia se incumbido de mim.

Em minha ausência, mamãe recebera da nova vizinha uma carta em papel cinzento, fechado com lacre marrom, usado apenas em avisos do correio e em rolhas de vinho barato. Na carta, escrita num russo de fraca gramática e caligrafia negligente, a princesa pedia que mamãe lhe concedesse sua proteção: minha mãe, nas palavras da princesa, era bem relacionada com pessoas eminentes, das quais dependia seu destino e o destino de seus filhos, pois ela andava às voltas com processos muito importantes. “Dirijo-me à senhora”, escrevia, “como uma dama nobre se dirige a uma dama nobre e, além disso, é um prazer para mim poder aproveitar esta ocasião.” Ao terminar, pedia a

mamãe permissão para visitá-la. Percebi que mamãe se encontrava de mau humor: papai não estava em casa e ela não tinha a quem pedir conselhos. Não responder a uma “dama nobre”, ainda por cima uma princesa, era impossível, mas como responder? Mamãe estava desnorteada. Escrever um bilhete em francês lhe parecia descabido, e a própria mamãe não era muito forte na ortografia russa — sabia disso e não queria comprometer-se. Ela se alegrou com minha chegada e logo ordenou que eu fosse à casa da princesa e explicasse de viva voz que mamãe, é claro, estava sempre às ordens para receber sua excelência e lhe ser útil, na medida do possível, e pedia que ela lhe desse a honra de visitá-la à uma hora da tarde. A realização inesperadamente rápida de meus desejos secretos me alegrou e também me assustou; no entanto não deixei transparecer a confusão que tomou conta de mim — e, antes de sair, fui a meu quarto para pôr uma gravata nova e vestir uma pequena sobrecasaca: dentro de casa, eu ainda andava de jaqueta e com a gola dobrada, apesar de me sentir incomodado com isso.

IV

No vestíbulo apertado e sujo da casa de fundos, onde eu entrara sem conseguir conter um tremor em todo o corpo, fui recebido por um criado velho e grisalho, de rosto escuro, cor de bronze, os olhos tristonhos de um porco e rugas profundas na testa e nas têmporas como eu nunca tinha visto. Levava numa bandeja as espinhas roídas de um arenque e, fechando com o pé a porta que dava para o cômodo vizinho, exclamou de forma brusca:

— O que o senhor deseja?

— A princesa Zassiékina está? — perguntei.

— Bonifácio! — gritou por trás da porta uma voz rascante de mulher.

Em silêncio, o criado me deu as costas, deixando à vista sua libré muito surrada na parte de trás, com um único botão enferrujado, estampado com um brasão, e saiu, depois de colocar a bandeja no chão.

— Foi à cidade? — falou de novo a mesma voz de mulher. O criado resmungou alguma coisa. — Hã?... Chegou alguém? — ouviu-se de novo. — O rapazote vizinho? Ora, mande entrar.

— Tenha a bondade, senhor, para a sala de visitas — disse o criado, surgindo de novo à minha frente e pegando a bandeja no chão.

Ajeitei minha roupa e entrei na “sala de visitas”.

Eu me vi num cômodo pequeno e não muito limpo, com móveis pobres, como que arrumados às pressas. Junto à janela, numa poltrona com um braço quebrado, estava uma mulher de uns cinquenta anos, feia, de cabeça descoberta, vestido verde e uma echarpe colorida de lã em volta do pescoço. Seus olhinhos pretos pareciam cravados em mim.

Cheguei perto e cumprimentei-a com uma inclinação de cabeça.

— Tenho a honra de falar com a princesa Zassiékina?

— Sou a princesa Zassiékina; e o senhor é filho do senhor V.?

— Exatamente, senhora. Vim a pedido de mamãe.

— Sente-se, por favor. Bonifácio! Onde estão minhas chaves, não as viu?

Transmiti à sra. Zassiékina a resposta de minha mãe à sua carta. Ela me escutou até o fim, enquanto batia com os dedos grossos e vermelhos no parapeito da janela, e, quando terminei, fitou-me nos olhos mais uma vez.

— Muito bem; irei sem falta — falou afinal. — Mas como o senhor ainda é jovem! Quantos anos tem, se me permite perguntar?

— Dezesseis — respondi, com uma pequena hesitação.

A princesa tirou do bolso uns papéis amassados, sebosos, levou-os até bem perto do nariz e pôs-se a examiná-los.

— Bela idade — falou de repente, virando-se e remexendo-se na poltrona. — O senhor, por favor, não faça cerimônia. Somos pessoas simples.

“Muito simples mesmo”, pensei, sem conseguir conter a aversão e lançando um rápido olhar para sua figura desagradável.

Naquele instante, outra porta da sala foi aberta de supetão e, na soleira, surgiu a menina que eu vira na véspera, no jardim. Ergueu a mão, e no rosto cintilou um sorriso.

— E essa é minha filha — disse a princesa, apontando para ela com um gesto de cotovelo. — Zinotchka, esse é o filho de nosso vizinho, o sr. V. Como o senhor se chama, se me permite perguntar?

— Vladímir — respondi, levantando-me e ciciando de leve, por causa da emoção.

— E qual seu patronímico?

— Petróvitch.

— Puxa! Conheci um chefe de polícia que também se chamava Vladímir Petróvitch. Bonifácio! Não precisa procurar as chaves, estão no meu bolso.

A menina continuava a olhar para mim com o mesmo sorriso zombeteiro de antes, piscando os olhos de leve e com a cabeça um pouco inclinada para o lado.

— Já tinha visto o M. Valdemar* — disse ela. (O som de prata de sua voz me percorreu com uma espécie de doce calafrio.) — O senhor me permite chamá-lo assim?

— Claro, senhora — balbuciei.

— Onde foi? — perguntou a princesa.

A princesinha não respondeu à mãe.

— O senhor está ocupado agora? — perguntou ela, sem tirar os olhos de mim.

— De maneira nenhuma.

— Poderia me ajudar a desembaraçar a lã? Venha comigo ao meu quarto.

Acenou com a cabeça para mim e saiu da sala. Fui atrás dela.

No quarto onde entramos, os móveis eram um pouco melhores e estavam arrumados com mais bom gosto. De resto, naquele momento, eu não conseguia observar quase nada: movia-me como num sonho e sentia em todo o meu ser uma espécie de bem-estar tão intenso que me deixava à beira do estupor.

A jovem princesa sentou-se, pegou a lã vermelha enovelada e, depois de apontar uma cadeira para mim, desatou com cuidado a meada de lã e colocou-a na minha mão. Fez tudo isso em silêncio, com uma espécie de preguiça jocosa e com o mesmo sorriso radiante e malicioso, os dentes só um pouco entreabertos. Começou a enrolar a lã num papelão dobrado e de repente me iluminou com um olhar tão claro e ligeiro que, sem querer, baixei os olhos. Quando os olhos dela, em geral semicerrados, se abriram em toda a sua amplidão, seu rosto se transformou completamente: como se uma luz se derramasse sobre ele.

— O que o senhor pensou sobre mim ontem, M. Valdemar? — perguntou, depois de esperar um pouco. — Certamente o senhor me censurou, não foi?

— Eu, princesa... não pensei nada... como posso... — respondi, embaraçado.

— Escute — retrucou ela. — O senhor ainda não me conhece; sou muito estranha: quero que sempre me digam a verdade. Soube que o senhor tem dezesseis anos, já eu tenho vinte e um: veja, sou muito mais velha do que o senhor, e por isso o senhor tem de me dizer sempre a verdade... e me obedecer — acrescentou. — Olhe para mim... Por que não olha para mim?

Fiquei ainda mais embaraçado, no entanto ergui os olhos. Ela sorriu, mas não como antes e sim de outro modo, com um sorriso de aprovação.

— Olhe para mim — disse ela, baixando a voz de maneira carinhosa. — Não me parece desagradável... Gosto do seu rosto; pressinto que podemos ser amigos. O senhor gosta de mim? — acrescentou, de maneira maliciosa.

— Princesa... — tentei começar.

— Em primeiro lugar, me chame de Zinaida Aleksándrovna, e em segundo lugar, que hábito é esse que têm as crianças — ela se corrigiu — ... que têm os jovens de não dizer diretamente aquilo que sentem? Isso pode ser bom para os adultos. E então, o senhor gosta de mim?

Apesar de me agradar muito que ela falasse comigo com tanta sinceridade, fiquei um pouco ofendido. Quis mostrar a ela que não estava tratando com um menino e, assumindo o mais possível um ar arrogante e sério, falei:

— Naturalmente a senhora me agrada muito, Zinaida Aleksándrovna; não quero esconder isso.

Ela balançou a cabeça bem devagar.

— O senhor tem um preceptor, não é? — perguntou, de repente.

— Não, faz tempo que não tenho preceptor.

Menti; fazia menos de um mês que meu preceptor francês tinha ido embora.

— Ah! Estou vendo que o senhor já é um perfeito adulto.

Deu uma palmadinha nos meus dedos.

— Fique com as mãos retas! — E tratou de enrolar a meada com esmero.

Aproveitei-me do fato de ela não levantar os olhos e me pus a observá-la, primeiro de modo furtivo, depois com ousadia cada vez maior. Seu rosto pareceu-me ainda mais encantador do que na véspera: tudo nele era fino, inteligente e meigo. Estava sentada de costas para a janela, protegida por uma cortina branca; um raio de sol que atravessava a cortina banhava com uma luz suave seus cabelos aveludados e cor de ouro, o pescoço inocente, os ombros curvados e o peito delicado e sereno. Eu olhava para ela... que parecia tornar-se próxima e cara a mim! Tinha a impressão de que a conhecia havia muito tempo e de que eu nada conhecera antes dela, não vivera antes dela... Usava um vestido escuro já velho, com um aventalzinho na frente; eu bem que gostaria de acariciar cada uma das pregas daquele vestido e do avental. Os biquinhos de suas botinas espiavam por baixo da barra do vestido: eu me curvaria com adoração diante daquelas botinas... “Aqui estou eu, sentado à sua frente”, pensei. “Eu e ela já nos conhecemos... que felicidade, meu Deus!” E por pouco não pulei da cadeira de tanta felicidade, mas me limitei a mexer um pouco os pés, como um menino que saboreia uma guloseima.

Eu me sentia bem, como um peixe na água, e ficaria um século sem sair daquele quarto, sem me mover daquele lugar.

Suas pálpebras se ergueram devagar, e mais uma vez os olhos luminosos puseram-se a brilhar com carinho na minha frente — e mais uma vez ela riu.

— Como o senhor olha para mim — falou bem devagar e me ameaçou com o dedo.

Fiquei vermelho... “Ela está entendendo tudo, está vendo tudo”, passou pela minha cabeça. “E como poderia não entender e ver tudo?”

De repente, veio um barulho do quarto vizinho — o tilintar de um sabre.

— Zina! — gritou a princesa na sala. — Belovzórov trouxe um gatinho para você.

— Um gatinho! — exclamou Zinaida, levantou-se afoita, com um pulo, jogou a bola de lã sobre meus joelhos e correu para fora.

Também me levantei, depusitei a meada e a bola de lã no parapeito da janela, fui para a sala e parei, estupefato. No meio da sala, com as patas estendidas, jazia um gatinho listrado; Zinaida estava na frente

dele, de joelhos, e levantava seu focinho com cuidado. Perto da princesa, cobrindo quase toda a parede entre as janelas, via-se um rapagão louro, de cabelo encaracolado, um hussardo, de rosto rosado e olhos protuberantes.

— Que engraçado! — repetia Zinaida. — E os olhos dele não são cinzentos, mas verdes, e como as orelhas são grandes. Muito obrigada, Viktor Iegóritch! O senhor é muito gentil.

O hussardo, no qual reconheci um dos jovens que eu vira na véspera, sorriu e inclinou-se numa saudação, o que fez estalar as esporas e tilintar as argolinhas da bainha do sabre.

— A senhora, ontem, teve a gentileza de dizer que gostaria de ter um gato listrado, de orelhas grandes... Pronto, aí está, consegui um para a senhora. Uma palavra sua é uma ordem. — E de novo inclinou a cabeça numa saudação.

O gatinho deu um miado débil e pôs-se a farejar o chão.

— Está com fome! — exclamou Zinaida. — Bonifácio! Sônia! Tragam leite.

A criada, que usava um velho vestido amarelo e um xalezinho desbotado no pescoço, trouxe na mão um pires de leite e o colocou perto do gato. O gatinho estremeceu, semicerrou os olhos e começou a lamber.

— Que linguinha rosada ele tem — observou Zinaida, baixando a cabeça quase até o chão e espiando o gato, de lado, bem perto de seu focinho.

O gato saciou-se e começou a ronronar, mexendo as patinhas com ar dengoso. Zinaida levantou-se, virou-se para a criada e falou em tom indiferente:

— Leve-o.

— Pelo gato, a mão — declarou o hussardo, num sorriso de dentes arreganhados e tremendo em todo o seu corpo vigoroso, tenso e apertado no uniforme novo.

— As duas — respondeu Zinaida, estendendo-lhe as mãos. Enquanto o hussardo as beijava, ela olhava para mim por cima do ombro.

Fiquei paralisado e não sabia se devia rir, falar alguma coisa ou continuar calado. De repente, através da porta aberta do vestíbulo,

bateu em meus olhos a figura de nosso laçao Fiódor. Ele fazia sinais para mim. Mecanicamente, saí a seu encontro.

— O que foi? — perguntei.

— A mãezinha me mandou buscar o senhor — respondeu num sussurro. — Está zangada porque o senhor não voltou com a resposta.

— Mas faz tanto tempo que estou aqui?

— Mais de uma hora.

— Mais de uma hora! — repeti sem querer, voltei para a sala e comecei a fazer minhas saudações, tropeçando nos próprios pés.

— Aonde o senhor vai? — perguntou-me a princesinha, olhando por trás do hussardo.

— Tenho de ir para casa. Agora direi — acrescentei, voltando-me para a princesa mais velha — que a senhora terá a bondade de nos visitar depois de uma hora.

— Diga isso, meu rapaz.

A princesa pegou a tabaqueira às pressas e aspirou com um barulho tão alto que até me assustei.

— Diga isso mesmo — repetiu, ofegante e piscando os olhos lacrimosos.

Inclinei-me numa reverência mais uma vez, dei meia-volta e saí da sala com aquela sensação incômoda nas costas, comum em pessoas muito jovens que sabem que estão sendo observadas por trás.

— Sr. Valdemar, não deixe de nos visitar de novo — gritou Zinaida e riu mais uma vez.

“Por que ela está sempre rindo?”, pensei, enquanto voltava para casa, acompanhado por Fiódor, que não me dizia nada, mas andava atrás de mim com ar de censura. Mamãe me repreendeu e mostrou-se surpresa: o que eu poderia ter feito por tanto tempo na casa daquela princesa? Não respondi e fui para meu quarto. De repente, me senti muito triste... Fiz força para não chorar... Tinha ciúmes do hussardo.

* Forma alemã do nome russo Vladímir. (N. E.)

V

A princesa, como prometera, visitou mamãe, que não gostou dela. Não presenciei o encontro, mas à mesa mamãe contou a meu pai que a princesa Zassiékina lhe pareceu *une femme très vulgaire*,* que ela a importunou demais com seus pedidos para apresentar uma petição a seu favor ao príncipe Serguei, que ela vive às voltas com processos e litígios — *des vilaines affaires d'argent*** — e que devia ser uma grande intrigante. Todavia mamãe acrescentou que a convidara, juntamente com a filha, para almoçar no dia seguinte (ao ouvir as palavras “com a filha”, enfiei meu nariz no prato), porque apesar de tudo era sua vizinha, e com o título de princesa. A isso meu pai explicou a mamãe que agora havia lembrado quem tinha sido aquele cavalheiro; na mocidade, conhecera o falecido príncipe Zassiékin, homem de excelente formação, mas fútil e insensato; em sociedade, chamavam-no de “*le parisien*”, em razão de sua longa estada em Paris; era muito rico, mas perdera toda a fortuna no jogo, e não se sabe por quê, talvez pelo dinheiro — de resto, ele poderia ter feito uma escolha melhor, acrescentou meu pai com um sorriso —, casou-se com a filha de um oficial da reserva e, depois de se casar, meteu-se em especulações e se arruinou por completo.

— Tomara que ela não peça dinheiro emprestado — comentou mamãe.

— É perfeitamente possível — respondeu meu pai, em tom calmo. — Ela fala francês?

— Muito mal.

— Hum. De resto, não faz diferença. Parece que você me disse que convidou também a filha dela; alguém me garantiu que é uma jovem muito graciosa e educada.

— Ah! Então não é como a mãe.

— E nem como o pai — retrucou meu pai. — Ele também era instruído, mas era um tolo.

Mamãe suspirou e ficou pensativa. Papai calou-se. Eu me senti muito embaraçado no decorrer daquela conversa.

Depois do almoço, fui ao jardim, mas sem a espingarda. Prometera a mim mesmo que não chegaria perto do “jardim das Zassiékinas”, porém uma força irresistível me arrastou para lá — e não foi em vão. Assim que me aproximei da cerca, avistei Zinaida. Dessa vez estava sozinha. Tinha um livro nas mãos e caminhava lentamente por uma vereda. Não notou minha presença.

Estive a ponto de me afastar; mas, de repente, mudei de ideia e tossi.

Ela se virou, porém não parou de andar e, afastando com a mão o largo lenço azul de seu chapéu de palha redondo, olhou para mim, sorriu de leve e cravou de novo os olhos no livrinho.

Tirei o boné e, depois de hesitar um pouco, fui em frente com o coração pesado. “*Que suis-je pour elle?*”,*** pensei (Deus sabe por quê) em francês.

Passos conhecidos soaram atrás de mim: voltei-me — meu pai vinha em minha direção, em seu passo cadenciado.

— Aquela é a princesinha? — perguntou-me.

— É sim.

— Por acaso você a conhece?

— Eu a vi hoje de manhã, na casa da princesa.

Meu pai se deteve e, girando nos calcanhares, voltou atrás. Depois de alcançar Zinaida, saudou-a com uma reverência cordial. Ela também o cumprimentou com uma reverência e, não sem certa perplexidade no rosto, baixou o livro. Vi como ela o acompanhava com os olhos. Meu pai sempre se vestia de maneira muito elegante, singular e simples; mas nunca sua figura me parecera mais esbelta, nunca seu chapéu

cinzento assentara de modo mais belo em seus cachos que apenas começavam a rarear.

Ceguei a caminhar na direção de Zinaida, mas ela nem olhou para mim, levantou o livro outra vez e se afastou.

* Uma mulher muito vulgar. (N. T.)

** Indecentes questões de dinheiro. (N. T.)

*** Que sou eu para ela? (N. T.)

VI

Passsei a noite inteira e a manhã seguinte numa espécie de embotamento melancólico. Lembro que tentei estudar e peguei o livro de Kaidánov — mas era em vão que as páginas e as linhas espaçadas do famoso tratado passavam ligeiras na minha frente. Li dez vezes seguidas as palavras “Júlio César se distinguia pela bravura militar”, sem entender nada, e larguei o livro. Antes do jantar, passei de novo pomada nos cabelos, vesti outra vez a sobrecasaca e a gravata.

— Para que isso? — perguntou mamãe. — Você ainda não é estudante da universidade e, aliás, só Deus sabe se vai passar nos exames. E por acaso faz tanto tempo assim que mandamos costurar uma jaqueta para você? Não vai deixá-la sem uso agora!

— Vão chegar as visitas — sussurrei quase em desespero.

— Que disparate! Grandes visitas, essas!

Era preciso resignar-me. Troquei a sobrecasaca pela jaqueta, mas não tirei a gravata. A princesa e a filha chegaram meia hora antes do almoço; por cima do vestido verde que eu já conhecia, a velha usava um xale amarelo, trazia também um gorro fora de moda com fitas cor de fogo. Imediatamente começou a falar de suas letras de câmbio, suspirou, lamentou sua pobreza, “lamuriou-se”, mas não fez nenhuma cerimônia: aspirou rapé com tanto barulho e se remexeu e se revirou em sua cadeira com tanto desembaraço quanto em sua casa. Parecia não se dar conta de que era uma princesa. Em compensação, Zinaida

se mantinha muito austera, quase arrogante, uma verdadeira princesa. Em seu rosto havia altivez e uma fria imobilidade — eu nem a reconhecia, não reconhecia seus olhares, seus sorrisos, embora me parecesse linda mesmo naquele novo aspecto. Usava um vestido leve, de *barège*,* com desenhos de ramagens azul-claros; os cabelos desciam pelo pescoço em longos caracóis — à maneira inglesa; o penteado combinava com a expressão fria do rosto. Meu pai ficou sentado a seu lado durante o almoço e tratou a vizinha com a elegância e a cortesia serena que lhe eram peculiares. De vez em quando, olhava para ela — e ela de vez em quando olhava para ele, mas de modo estranho, quase hostil. A conversa entre ambos era em francês; lembro que fiquei admirado com a pureza da pronúncia de Zinaida. À mesa, como antes, a princesa não se mostrou nem um pouco tolhida, comeu muito e elogiou os pratos. Mamãe estava visivelmente incomodada com ela e respondia-lhe com uma espécie de negligência melancólica; meu pai de vez em quando franzia bem de leve as sobrancelhas. Zinaida também não agradou à mamãe.

— Como é arrogante — disse ela no dia seguinte. — E, afinal, de que tanto se orgulha? *Avec sa mine de grisette!***

— Ao que parece, você nunca viu uma *grisette* — comentou meu pai.

— Graças a Deus!

— Claro, graças a Deus... Mas então como pode julgá-las?

A mim, Zinaida não deu a menor atenção. Pouco depois do almoço, a princesa começou a se despedir.

— Estou contando com a proteção dos senhores, Mária Nikoláievna e Piotr Vassílievitch — disse ela para mamãe e papai, arrastando as palavras. — O que fazer? Houve dias melhores, mas já passaram. E agora, aqui estou: sua excelência, a princesa — acrescentou, com uma risada desagradável. — Mas de que serve a nobreza, se não há o que pôr na mesa?

Meu pai despediu-se respeitosamente com uma reverência e acompanhou-a até a porta do vestíbulo. Eu também estava lá, com minha jaqueta curta, e olhava para o chão, como um condenado à morte. A maneira como Zinaida me tratou deixou-me completamente arrasado. Mas qual não foi minha surpresa quando, ao passar por

mim, ela sussurrou bem ligeiro, e com a expressão carinhosa de antes nos olhos:

— Venha à nossa casa às oito horas, obedeça, não falte.

Eu apenas abri os braços — mas ela já se afastara, depois de esconder a cabeça na echarpe branca.

* Tecido leve, muito fino, feito de seda e lã. (N. T.)

** Com sua cara de mocinha plebeia e vulgar. (N. T.)

VII

Às oito horas em ponto, de sobrecasaca e com um topete bem armado na cabeça, entrei no vestíbulo da casa de fundos onde morava a princesa. O velho criado fitou-me com ar tristonho e, de má vontade, ergueu-se do banco. Na sala de visitas, ressoavam vozes alegres. Abri a porta e recuei, assombrado. No meio da sala, a princesinha estava numa cadeira e segurava à sua frente um chapéu de mulher; em torno da cadeira, se aglomeravam cinco homens. Eles tentavam enfiar as mãos no chapéu, que ela erguia bem alto e sacudia com força. Ao me ver, Zinaida deu um grito:

— Esperem, esperem! Um novo convidado, é preciso lhe dar um bilhete. — Levantou-se de um salto, puxou-me pela manga da sobrecasaca. — Venha cá — disse. — O que está esperando? Messieurs, permitam que lhes apresente: este é o M. Valdemar, filho de nosso vizinho. E esses — acrescentou, dirigindo-se a mim e apontando os outros convidados, alternadamente — são o conde Maliévski, o dr. Lúchin, o poeta Maidánov, o capitão reformado Nirmátski e Belovzórov, hussardo, que o senhor já viu. Peço que sejam amigos e se entendam bem.

Eu estava a tal ponto embaraçado que nem cumprimentei ninguém; reconheci no médico Lúchin o mesmo cavalheiro de pele escura que me deixara impiedosamente envergonhado no jardim; os demais me eram desconhecidos.

— Conde! — prosseguiu Zinaida. — Dê um bilhete para o M. Valdemar.

— Isso não é justo — retrucou o conde, com sotaque polonês, um moreno muito bonito, vestido com elegância exagerada, olhos castanhos expressivos, nariz estreito e branco e bigodinho fino por cima da boca minúscula. — Ele não jogou as prendas conosco.

— Não é justo — repetiram Belovzórov e o cavalheiro que fora apresentado como capitão reformado, homem de uns quarenta anos, marcado pela varíola a ponto de quase ficar desfigurado, cabelo crespo como um negro, curvado, de pernas tortas e vestido com um dólmã militar, sem dragonas e desabotoado.

— Dê um bilhete, estou mandando — repetiu a jovem princesa. — Que motim é esse? M. Valdemar está conosco pela primeira vez e hoje a regra não se aplica a ele.

O conde encolheu os ombros, mas inclinou a cabeça, obediente, empunhou a pena na mão branca, enfeitada com anéis, rasgou um pedaço de papel e começou a escrever.

— Mas pelo menos permita que expliquemos ao cavalheiro Valdemar do que se trata — interveio Lúchin, com voz zombeteira. — Do contrário ele vai ficar totalmente perdido. Veja, meu jovem, nós jogamos com prendas; a princesinha pagará a prenda e quem sortear o bilhete premiado terá direito de beijar sua mãozinha. O senhor entendeu o que lhe disse?

Apenas lancei um olhar rápido para ele e continuei parado, como que envolto numa neblina, e a princesinha ocupou a cadeira de novo e começou a balançar outra vez o chapéu. Todos se precipitaram para ela — e eu atrás dos outros.

— Maidánov — disse a princesinha ao jovem alto de rosto magricelo, olhos miúdos e opacos, cabelos extraordinariamente compridos e pretos. — O senhor, como poeta, deve ser generoso e ceder seu bilhete ao M. Valdemar, para que ele tenha duas chances em vez de uma só.

Mas Maidánov fez que não com a cabeça e sacudiu os cabelos. Fui o último a enfiar a mão no chapéu, peguei um bilhete e desdobrei... Meu Deus! Nem sei o que aconteceu comigo quando vi no papel a palavra: beijo!

— Beijo! — gritei, sem conseguir me conter.

— Bravo! Ele ganhou — anunciou a princesinha. — Como estou contente! — Levantou-se da cadeira e fitou-me nos olhos de modo tão doce e tão radiante que meu coração deu um pulo. — E o senhor, está contente? — perguntou-me.

— Eu?... — balbuciei.

— Venda-me seu bilhete — deixou escapar de repente Belovzórov, bem junto ao meu ouvido. — Darei cem rublos ao senhor.

Respondi ao hussardo com um olhar tão indignado que Zinaida bateu palmas e Lúchin exclamou: “Bravo!”.

— No entanto — prosseguiu Lúchin —, como chefe de cerimônias, sou obrigado a zelar pelo cumprimento de todas as regras. M. Valdemar, se agache apoiado num só joelho. É a norma entre nós.

Zinaida ficou parada na minha frente, inclinou a cabeça um pouco para o lado, como que para me observar melhor, e com ar altivo estendeu-me a mão. Meus olhos se turvaram; quis me agachar apoiado num joelho, mas tombei sobre os dois — e toquei os lábios nos dedos de Zinaida de maneira tão desajeitada que arranhei de leve a ponta do nariz numa de suas unhas.

— Muito bem! — exclamou Lúchin, e me ajudou a ficar de pé.

O jogo de prendas prosseguiu. Zinaida sentou-me a seu lado. E que prendas ela ainda iria inventar! Entre outras coisas, Zinaida teve de se fazer de estátua — e escolheu como pedestal o feio Nirmátski, mandando que ele se agachasse no chão, de bruços, e que ainda por cima afundasse o rosto no peito. Os risos não silenciavam nem um minuto. Por ser eu um menino sóbrio e solitário, devido à educação que recebera, criado numa solene mansão senhorial, todo aquele barulho e baderna, a falta de cerimônia, a alegria quase selvagem e as relações inéditas com desconhecidos perturbaram minha cabeça. Eu estava como que embriagado, como se tivesse tomado vinho. Comecei a rir e a tagarelar mais alto do que os outros, a tal ponto que até a princesa mais velha, que estava no cômodo vizinho com algum escrevente do Portão Ibérico, convocado para uma consulta, saiu para me observar. No entanto me sentia feliz a tal ponto que, como dizem, eu não soprava no bigode, ou seja, não dava a mínima para as zombarias e os olhares de esguelha. Zinaida continuava a mostrar

preferência por mim e não saía do meu lado. Numa etapa do jogo, coube a mim sentar-me bem junto a ela e cobrir a cabeça com o mesmo xale de seda de Zinaida: eu tinha de lhe contar meu segredo. Lembro que nossas cabeças de repente se viram numa penumbra abafada, translúcida, perfumada e que, nessa penumbra, seus olhos reluziam próximos, os lábios respiravam com ardor, os dentes sobressaíam e as pontas de seu cabelo me queimavam e faziam cócegas. Fiquei em silêncio. Ela sorria misteriosamente e com ar astuto e, afinal, murmurou para mim: “E então?”. E eu apenas fiquei vermelho, ri, virei de lado e mal continha a respiração. O jogo de prendas acabou nos cansando — começamos a brincar de cordinha. Meu Deus! Que êxtase experimentei quando, ao dar um bocejo, recebi dela um golpe forte e brusco nos dedos, e depois, quando tentei fingir de propósito que bocejava e ela me provocou, mas não tocou nas minhas mãos, que eu lhe oferecia!

E quantas coisas ainda inventamos no decorrer daquela noite! Tocamos piano, cantamos, dançamos, representamos um acampamento de ciganos. Fantasiamos Nirmátski de urso e lhe demos água com sal para beber. O conde Maliévski mostrou-nos vários truques com cartas e, depois de embaralhá-las, terminou distribuindo cartas a nós todos para jogarmos o uíste, porém ficou com todos os trunfos, pelo que Lúchin “teve a honra de felicitá-lo”. Maidánov declamou fragmentos de um poema seu, chamado “Assassino” (o caso todo se deu no auge do romantismo), que ele tinha intenção de publicar com uma capa preta e o título em letras maiúsculas cor de sangue; roubamos o chapéu do escrevente, que estava com ele sobre os joelhos e, para resgatá-lo, o obrigamos a dançar como um cossaco; pusemos uma touca no velho Bonifácio e a jovem princesa se cobriu com um chapéu de homem... É impossível enumerar tudo. Apenas Belovzórov se mantinha num canto, cada vez mais encolhido e zangado... Às vezes seus olhos se enchiam de sangue, todo ele ficava vermelho e parecia à beira de se arremessar sobre nós e nos fazer voar para todos os lados, como estilhaços; mas a princesinha lançava olhares para ele, ameaçava-o com o dedo, e Belovzórov de novo se escondia em seu canto.

Por fim, esgotamos nossas forças. A velha princesa, por mais que fosse festeira, em suas próprias palavras, e nenhuma gritaria a perturbasse, também deu sinais de cansaço e quis repousar. Depois das onze horas da noite, serviram a ceia, que consistia em um pedaço de queijo seco e velho e pasteizinhos frios com presunto desfiado, que me pareceram os pastéis mais saborosos do mundo; havia só uma garrafa de vinho e era um pouco estranha: escura, de gargalo grosso, e a bebida tinha cheiro de corante rosado: ninguém bebeu. Cansado e feliz até a exaustão, saí da casa de fundos; na despedida, Zinaida apertou minha mão com força e sorriu novamente de forma enigmática.

A noite soprava pesada e úmida em meu rosto afogueado; parecia armar-se um temporal; nuvens negras cresciam e deslizavam no céu, mudando visivelmente seus contornos fumacentos. A brisa tremulava inquieta nas árvores escuras e em algum lugar ao longe, além do horizonte celeste, um trovão roncou feroz e surdo, como que para dentro de si.

Segui para meu quarto pelo alpendre dos fundos. Meu criado dormia no chão e tive de passar sobre ele; acordou, me viu e comunicou que mamãe estava zangada comigo de novo e quis, outra vez, mandar alguém me buscar, mas meu pai a dissuadiu. (Eu nunca me deitava sem me despedir de mamãe e pedir sua bênção.) Não havia nada a fazer!

Disse para meu criado que eu ia trocar de roupa sem sua ajuda e deitar — e apaguei a vela. Mas não troquei de roupa nem fui deitar.

Sentei numa cadeira e ali fiquei por muito tempo, como que enfeitiçado. O que experimentava era tão novo e tão doce... Sentado, quase sem olhar à minha volta e sem me mover, respirava lentamente, e só de quando em quando; ora ria em silêncio, ao recordar, ora gelava por dentro ante a ideia de que estava apaixonado, que ali estava ele, afinal, que aquilo era o amor. O rosto de Zinaida flutuava sereno na escuridão à minha frente — flutuava e não se dissolvia; os lábios sorriam sempre da mesma forma enigmática, os olhos me fitavam um pouco de lado, com ar indagador, pensativo e carinhoso... como no momento em que me despedi dela. Afinal levantei, fui para minha cama na ponta dos pés e, com cuidado, sem trocar de roupa, pus a cabeça no travesseiro, como se temesse que um movimento brusco perturbasse aquilo de que eu estava repleto...

Deitei, mas nem fechei os olhos. Logo percebi que uns reflexos fracos penetravam em meu quarto sem parar. Levantei-me e olhei para a janela. A esquadria se destacava com nitidez dos vidros empalidecidos de maneira turva e misteriosa. “A tempestade”, pensei, e era de fato uma tempestade, mas ela passava muito longe, de tal modo que quase não se ouviam os trovões; apenas raios embaçados e compridos chamejavam no céu sem cessar e pareciam ramificar-se: menos chamejavam do que estremeciam e palpitavam, como a asa de um pássaro que morre. Levantei-me, fui até a janela e fiquei lá até amanhecer... Os relâmpagos não cessaram nem por um instante; é o que as pessoas chamam de noite de assustar os pardais. Olhei para o campo arenoso e mudo, para a massa escura do Jardim Neskútchni, para as fachadas amareladas dos edifícios distantes, que também pareciam tremer a cada lampejo... Eu olhava... e não conseguia me desprender; aqueles relâmpagos mudos, aqueles clarões contidos pareciam responder aos ímpetus mudos e secretos que também chamejavam dentro de mim. Começou a raiar a manhã; a aurora emergiu com manchas rubras. Tudo empalideceu com a aproximação do sol e os relâmpagos diminuíram: tremulavam cada vez mais espaçados e, por fim, se extinguiram, submersos na luz sóbria e incontestável do dia que despontava...

E dentro de mim os relâmpagos também se extinguiram. Sentia um grande cansaço e sossego... mas a imagem de Zinaida continuava a pairar triunfante sobre minha alma. Só que ela mesma, aquela imagem, parecia apaziguada: como um cisne que levantou voo do capim de um pântano e libertou-se das figuras de mau aspecto que o rodeavam; e eu, ao adormecer, apertei-me a ela pela última vez, com uma confiante devoção de despedida...

Ah, os sentimentos meigos, as melodias suaves, a bondade e a serenidade de uma alma comovida, o contentamento que se dissolve em contato com as primeiras ternuras do amor... Onde estão? Onde estão?

VIII

Na manhã seguinte, quando descii para o chá, mamãe me repreendeu — porém menos do que eu esperava — e me obrigou a contar como passara a noite da véspera. Respondi em poucas palavras, omitindo muitos detalhes e tentando dar a tudo o aspecto mais inocente.

— Eles não são gente *comme il faut** — observou mamãe. — E você não tem nada que andar de farra com eles; deveria, em vez disso, preparar-se para as provas.

Como eu sabia que o interesse de mamãe por meus estudos se contentava com aquelas poucas palavras, achei que não era necessário responder; mas após o chá meu pai me tomou pelo braço e, depois de me levar para o jardim, obrigou-me a contar tudo o que eu tinha presenciado na casa de Zassiékina.

Papai exercia uma influência estranha sobre mim — e também eram estranhas nossas relações. Ele quase não cuidava da minha educação, mas nunca me dizia palavras rudes; respeitava minha liberdade. Se posso me expressar assim, ele chegava a ser gentil comigo... Apenas não admitia que eu me pusesse no mesmo nível que ele. Eu o amava, eu o adorava, ele me parecia o modelo da perfeição — e, meu Deus, como eu seria apaixonadamente apegado a ele se não sentisse o tempo todo que suas mãos me rechaçavam! Em compensação, quando queria, com uma palavra, um gesto, quase no mesmo instante, sabia como despertar em mim uma confiança ilimitada. Minha alma se abria

— eu conversava com ele como com um amigo sensato, um mentor tolerante... Em seguida, de maneira abrupta, ele me deixava — e sua mão me rechaçava de modo carinhoso e suave, mas rechaçava.

Às vezes a alegria o dominava e então se mostrava disposto a pular e dar cambalhotas comigo, como um menino (ele adorava os movimentos vigorosos do corpo); certa vez — só uma vez! — me afagou com tanta ternura que quase chorei... Mas tanto sua alegria quanto sua ternura desapareciam sem deixar vestígios — e o que acontecia entre nós não me permitia ter nenhuma esperança no futuro, como se eu visse tudo aquilo num sonho. Às vezes eu me punha a observar seu rosto inteligente, bonito, radiante... meu coração começava a tremer e todo meu ser se projetava para ele... meu pai parecia perceber o que se passava em mim, afagava meu rosto de modo fugaz — e quer ele fosse embora, quer se ocupasse com qualquer coisa, quer ficasse totalmente imóvel, como só ele sabia fazer, eu na mesma hora me retraía e também gelava. Seus raros acessos de simpatia por mim nunca eram fruto de meus apelos silenciosos mas evidentes: sempre surgiam de modo inesperado. Mais tarde, ao refletir sobre o caráter de meu pai, cheguei à conclusão de que ele não se interessava por mim nem pela vida familiar; amava outra coisa e se satisfazia inteiramente com aquelas delícias. “Apanhe o que puder, mas não se deixe apanhar; você pertence a si mesmo — esse é todo o segredo da vida”, disse-me ele certa vez. Noutra ocasião, na condição de jovem democrata, me atrevi a discursar sobre a liberdade em sua presença (naquele dia ele estava “bondoso”, como eu dizia, então era possível falar com ele à vontade).

— A liberdade — repetiu meu pai —, mas será que você sabe o que pode dar liberdade ao homem?

— O quê?

— A vontade, a vontade própria, e o poder que ela dá, que é melhor que a liberdade. Saiba querer que você será livre e vai comandar.

Antes de tudo e mais que tudo, meu pai queria viver — e viveu... Talvez pressentisse que não teria muito tempo para desfrutar o “segredo” da vida: morreu aos quarenta e dois anos.

Relatei a meu pai em detalhes minha visita à casa das Zassiékina. Meio atento, meio distraído, ele me escutou sentado num banco,

enquanto desenhava na areia com a ponta de um chicote. De vez em quando dava uma risada, lançava-me um olhar animado e divertido e me provocava com breves perguntas e objeções. De início, nem tive coragem de pronunciar o nome de Zinaida, porém não consegui me conter e passei a exaltá-la. Meu pai continuava a dar risadinhas. Em seguida refletiu um pouco, espreguiçou-se e levantou-se.

Lembrei que, ao sair de casa, ele mandara selar um cavalo. Era um excelente cavaleiro — e, muito melhor do que o sr. Réry, sabia domar os cavalos mais bravios.

— Vou com você, papai? — perguntei.

— Não — respondeu, e seu rosto assumiu a costumeira expressão de indiferença e afeição. — Vá sozinho, se quiser. Mas diga ao cocheiro que não vou mais sair a cavalo.

Virou-se e se afastou depressa. Segui-o com os olhos — ele sumiu atrás do portão. Vi como seu chapéu se movia ao longo da cerca: andava na direção da casa das Zassiékina.

Ficou lá não mais de uma hora, porém seguiu depois direto para a cidade e só voltou para casa ao anoitecer.

Após o almoço, eu mesmo fui à casa das Zassiékina. No vestíbulo, fiquei só com a velha princesa. Ao me ver, coçou a cabeça com a agulha, por baixo da beirada da touca, e de repente me perguntou se eu podia copiar uma petição para ela.

— Com todo o prazer — respondi, e sentei na pontinha da cadeira.

— Mas preste atenção para que as letras fiquem bem grandes — pediu a princesa, ao me entregar uma folha de papel coberta de garranchos. — Pode fazer isso hoje, meu caro?

— Copio tudo hoje mesmo, senhora.

A porta do cômodo vizinho ao vestíbulo abriu-se um pouquinho só, e, na fresta, surgiu o rosto de Zinaida — pálido, pensativo, os cabelos jogados para trás com negligência: fitou-me com olhos grandes e frios e fechou a porta em silêncio.

— Zina, Zina! — exclamou a velha.

Zinaida não respondeu. Levei a petição da velha e trabalhei nela a tarde inteira.

* Respeitável. (N. T.)

IX

Minha “paixão” teve início naquele dia. Lembro que senti, então, algo semelhante ao que deve sentir um homem que vai ao trabalho pela primeira vez: eu já deixara de ser um menino; estava apaixonado. Disse que naquele dia teve início minha paixão. Poderia acrescentar que naquele mesmo dia tiveram início também meus sofrimentos; na ausência de Zinaida, me sentia arrasado: não me vinha nenhum pensamento, tudo caía de minhas mãos, eu pensava nela dias inteiros com ansiedade... Eu não aguentava mais... porém, em sua presença, me sentia aliviado. Tinha ciúmes, reconhecia minha insignificância, me irritava estupidamente e me mostrava estupidamente servil — e, no entanto, uma força irresistível me arrastava para ela e eu transpunha a soleira de seu quarto sempre com um tremor de felicidade incontido. Zinaida logo adivinhou que eu estava apaixonado, e eu não pensava em esconder isso; ela brincava com a minha paixão, me ludibriava, mimava, torturava. É doce ser a única fonte, a causa absoluta e inquestionável de alegrias imensas e do desgosto mais profundo para alguém — e nas mãos de Zinaida eu era como cera mole. De resto, eu não era o único apaixonado por ela: todos os homens que visitavam sua casa estavam loucos por Zinaida — e ela trazia todos presos pela coleira, a seus pés. Divertia-se provocando neles ora esperanças, ora temores, fazendo-os girar ao sabor de sua fantasia (a isso ela chamava “jogar os homens uns contra os outros”) — por sua vez, eles nem

pensavam em se opor e se submetiam a ela sem discutir. Em Zinaida inteira, tão bela e cheia de vida, havia uma espécie de mistura fascinante de astúcia e descuido, artifício e simplicidade, serenidade e ímpeto; em tudo que ela fazia, falava, em cada um de seus gestos, havia um encanto sutil, leve, em tudo se manifestava uma força peculiar e brilhante. Seu rosto se modificava o tempo todo, também brincava: quase ao mesmo tempo, exprimia malícia, meditação e paixão. Sentimentos variados, leves, velozes, corriam sem cessar por seus olhos e lábios, como sombras de nuvens numa tarde ensolarada.

Todos os seus admiradores eram indispensáveis para ela. Belovzórov, a quem às vezes Zinaida chamava de “minha fera” e às vezes apenas de “meu”, de bom grado se atiraria no fogo por ela; sem esperanças em suas faculdades intelectuais e em seus méritos modestos, sempre pedia Zinaida em casamento, insinuando que os outros não falavam a sério. Maidánov correspondia às cordas poéticas da alma de Zinaida: homem bastante frio, como quase todos os escritores, garantia energicamente a ela, e talvez a si mesmo, que a adorava, cantava Zinaida em versos intermináveis e lia-os para ela num êxtase ao mesmo tempo teatral e sincero. Ela se compadecia e zombava um pouco dele; não acreditava muito em Maidánov e, depois de fartar-se de ouvir suas efusões, obrigava-o a ler Púchkin para, como ela dizia, “purificar o ar”. Lúchin, médico debochado e irônico na maneira de falar, conhecia Zinaida melhor que todos — e a amava mais que todos, embora a criticasse, com ela presente ou ausente. Zinaida o respeitava, mas não o perdoava — e, às vezes, com um prazer especialmente malévolo, lhe dava a entender que também ele estava em suas mãos. “Sou coquete, não tenho coração, minha natureza é teatral”, disse-lhe Zinaida certa vez, em minha presença. “Pois muito bem! Dê-me sua mão, vou enfiar um alfinete, o senhor terá vergonha diante deste jovem, o senhor vai sentir dor e mesmo assim o senhor, um cavalheiro leal, irá rir.” Lúchin corou, virou-se de costas, mordeu os lábios, mas acabou lhe dando a mão. Zinaida espetou-o, e ele, de fato, pôs-se a rir... E ela riu, enfiando o alfinete bem fundo, enquanto o fitava nos olhos, que ele em vão esquivava para os lados...

De tudo aquilo, o que eu menos compreendia eram as relações entre Zinaida e o conde Maliévski. Era um homem bonito, sagaz e

inteligente, mas se percebia nele algo de dúbio, algo de falso, até para mim, um menino de dezesseis anos, e admirava-me que Zinaida não o notasse. Talvez notasse aquela falsidade, e não a desprezasse. A educação deficiente, as relações e os hábitos estranhos, a presença constante da mãe, a pobreza e a desordem em casa, tudo, desde a extrema liberdade que a jovem mocinha desfrutava até a consciência de sua supremacia sobre as pessoas que a rodeavam, tudo fomentava em Zinaida uma espécie de desleixo e despreendimento que tinha uma dose de desdém. Diante do que quer que ocorresse — se Bonifácio viesse avisar que não havia mais açúcar, se surgisse algum boato sórdido, se irrompesse uma desavença entre os convidados —, ela apenas balançava os cabelos cacheados e dizia: “Bobagem!”. E nem ligava.

Em compensação, todo o meu sangue se incendiava quando Maliévski se aproximava de Zinaida, balançando o corpo com ar astuto, como uma raposa, se apoiava com elegância no espaldar da cadeira dela e sussurrava em seu ouvido com um sorrisinho satisfeito e bajulador — e ela, de braços cruzados no peito, olhava para Maliévski com atenção, sorria também e balançava a cabeça.

— Que prazer sente a senhora em receber o sr. Maliévski? — perguntei para Zinaida certo dia.

— Tem um bigodinho tão bonito — respondeu. — De resto, não é da conta do senhor.

— O senhor por acaso não acha que eu o amo, não é? — disse-me ela, em outra ocasião. — Não. Não sou capaz de amar homens desse tipo, a quem tenho de olhar de cima para baixo. Só amaria quem me subjugasse... E, se Deus quiser, não encontrarei ninguém assim! Não me deixarei apanhar sob as garras de ninguém, não, não!

— Então nunca amará ninguém?

— E o senhor? Por acaso não o amo? — disse, e bateu com a luva na ponta de meu nariz.

Sim, Zinaida se divertia muito comigo. Ao longo de três semanas, eu a vi todos os dias — e o que ela não inventou de fazer comigo? Raramente ia a nossa casa e eu não me queixava disso: em nossa casa, transformava-se numa dama, numa princesa — e eu a evitava. Eu temia me denunciar diante de mamãe; ela não tinha simpatia por

Zinaida e nos observava com ar hostil. Quanto a meu pai, eu não o temia: ele parecia nem notar minha presença e com Zinaida falava pouco, porém de maneira especialmente inteligente e séria. Parei de estudar e ler, parei até de passear pelos arredores, de andar a cavalo. Como um besouro amarrado pelo pé, eu rodava o tempo todo em torno da adorada casa de fundos: parecia disposto a ficar ali para sempre... mas isso era impossível; mamãe me repreendia, às vezes a própria Zinaida me expulsava. Então eu me trancava em meu quarto ou caminhava até o fim do jardim, subia nas ruínas de uma alta estufa de plantas feita de pedras e, com as pernas penduradas no alto de uma parede que dava para a estrada, ficava horas sentado e olhava, olhava, sem nada ver. A meu lado, nas urtigas empoeiradas, borboletas brancas esvoaçavam preguiçosamente; um pardal atrevido pousava mais perto, num tijolo vermelho meio quebrado, e cantava com impaciência, revirando o corpo todo, sem parar, e abrindo as penas da cauda; sempre desconfiados, os corvos raramente grasnavam, pousados bem no alto, no topo de uma bétula desfolhada; o sol e o vento brincavam serenos em seus ramos flexíveis; o som dos sinos do mosteiro Donskoi chegava a intervalos, calmo e tristonho — e eu ficava sentado, olhava, ouvia e me enchia com uma espécie de sentimento sem nome, no qual havia de tudo: tristeza, alegria, presságio, desejo e medo da vida. Mas na época eu não entendia nada disso e não conseguiria definir tudo o que se movia dentro de mim, ou definiria tudo com um só nome — o nome de Zinaida.

E Zinaida não parava de brincar comigo, como um gato brinca com um rato. Ora flertava comigo — e eu me empolgava e me derretia; ora ela me repelia de repente — e eu não me atrevia a chegar perto dela, nem sequer me atrevia a olhá-la.

Lembro que, por alguns dias seguidos, ela se mostrou muito fria comigo, fiquei totalmente acanhado, ia visitá-la de modo furtivo na casa de fundos e tentava manter-me perto da velha princesa, embora justamente naquela ocasião ela andasse praguejando e gritando muito: seus negócios com letras de câmbio andavam mal e ela já tivera duas reuniões com o comissário de polícia.

Certa vez, eu caminhava pelo jardim, junto à conhecida cerca — e vi Zinaida: apoiada nas mãos, estava sentada na grama e não se mexia.

Eu quis me afastar com cuidado, mas ela de repente levantou a cabeça e me fez um sinal imperativo. Fiquei petrificado: não a compreendi, de início. Ela repetiu o gesto. Prontamente saltei a cerca e, com alegria, me aproximei dela; mas Zinaida me deteve com o olhar e apontou para uma trilha, a dois passos dela. Confuso, sem saber o que fazer, me ajoelhei na beira da trilha. Zinaida estava tão pálida, tão amargamente triste, um cansaço tão profundo se exprimia em todas as suas feições, que senti um aperto no coração e não pude deixar de balbuciar:

— O que há com a senhora?

Zinaida estendeu a mão, arrancou uma folha de grama, mordeu-a e jogou-a longe.

— O senhor me ama muito? — perguntou, afinal. — Sim?

Nada respondi. Para que responder?

— Sim — repetiu, olhando para mim como antes. — É igual. Os mesmos olhos — acrescentou, pôs-se a pensar e cobriu o rosto com as mãos. — Tudo me causa desgosto — sussurrou. — Eu fugiria até o fim do mundo, não consigo suportar isso, não consigo resolver... E o que me aguarda no futuro!... Ah, como isso pesa... Meu Deus, como pesa!

— Por quê? — perguntei, tímido.

Zinaida não me respondeu, apenas encolheu os ombros. Continuei parado, de joelhos, e olhava para ela com uma profunda melancolia. Cada palavra de Zinaida parecia cravar-se em meu coração. Naquele instante, tive a impressão de que eu daria a própria vida para que ela não sofresse. Olhei para ela — e, embora sem entender por que estava desolada, imaginei de modo bem vívido que, num ataque de tristeza incontrolável, ela se levantaria de repente, fugiria para o jardim e cairia sobre a terra, como que fulminada. Em volta, tudo era claro e verde; o vento farfalhava nas folhas das árvores, de vez em quando um ramo comprido de framboesa balançava acima da cabeça de Zinaida. Aqui e ali, pombos arrulhavam — e abelhas zumbiam, voando baixo, perto da grama rala. No alto, o céu azulava suave — e eu me sentia tão triste...

— Recite uns versos para mim — pediu-me Zinaida, em voz baixa, e apoiou-se num cotovelo. — Adoro quando o senhor recita poesia. O

senhor declama um pouco, mas não tem importância, é a juventude. Recite para mim “Nas colinas da Geórgia”.* Mas primeiro sente-se.

Sentei-me e recitei “Nas colinas da Geórgia”.

— “Não amar é impossível” — repetiu Zinaida. — É isso que a poesia tem de belo: nos fala daquilo que não existe e não só acaba sendo melhor do que aquilo que existe como também se parece até mais com a verdade... Não amar é impossível... E mesmo se quisesse, seria impossível! — Calou-se de novo e, de repente, teve um sobressalto e se levantou. — Venha. Maidánov está com mamãe; ele me trouxe um poema e eu o abandonei. Agora ele também deve estar desgostoso... O que fazer? Um dia o senhor vai saber... apenas não fique zangado comigo!

Zinaida apertou minha mão com pressa e correu à minha frente. Voltamos para a casa de fundos. Maidánov pôs-se a ler para nós seu “Assassino”, recém-publicado, mas eu não o ouvia. Ele vociferava com voz cantada seus iambos tetrâmetros, as rimas se alternavam e retiniam como guizos, ocas e retumbantes, e eu olhava para Zinaida o tempo todo, sempre tentando entender o significado das últimas palavras que me dissera.

— “Ou, quem sabe, um rival secreto/ Te conquistou inesperadamente?” — exclamou Maidánov de súbito, com voz anasalada. E meu olhar cruzou com o olhar de Zinaida. Ela baixou os olhos e corou de leve. Vi que ela havia corado e gelei de medo. Antes, eu já sentira ciúmes dela, mas só naquele instante a ideia de que estava apaixonada chamejou em minha cabeça: “Meu Deus! Está apaixonada!”.

* Poema de Púchkin. (N. T.)

X

A partir daí, começaram de fato meus tormentos. Eu quebrava a cabeça, pensava, repensava — e observava Zinaida com insistência, embora às escondidas, na medida do possível. Nela, ocorrera uma mudança — era evidente. Saía para passear sozinha e demorava muito. Às vezes nem aparecia para receber as visitas; ficava horas inteiras em seu quarto. Antes, isso não acontecia. De repente, eu me tornara — ou tive a impressão de que me tornara — extremamente perspicaz. “Será que é esse? Ou será que é aquele?”, eu me perguntava ansioso, saltando em pensamento de um admirador de Zinaida para outro. O conde Maliévski (embora confessá-lo me fizesse sentir vergonha por Zinaida), em segredo, me parecia mais perigoso do que os outros.

Minha observação não ia além de meu nariz e minha discrição, provavelmente, não enganava ninguém; pelo menos o dr. Lúchin logo decifrou o que se passava comigo. De resto, ele também havia mudado nos últimos tempos: emagrecera, ria com a mesma frequência, porém de modo mais surdo, mais mordaz e curto — uma irritabilidade nervosa e incontrollável tomara o lugar da ironia ligeira e do cinismo presunçoso de antes.

— Afinal, para que o senhor tanto insiste em vir aqui, meu jovem? — disse-me ele certa vez, a meu lado, na sala das Zassiékina. (A princesinha ainda não retornara do passeio, mas a voz estridente da

princesa mais velha ressoava no mezanino: estava discutindo com a criada.) — Faria melhor se estudasse, enquanto é moço. Mas não. O que o senhor está fazendo?

— O senhor não pode saber se estudo em casa — retruquei, não sem arrogância, mas também com certo embaraço.

— Que estudar que nada! Não é isso que o senhor tem na mente. Bem, não vou discutir... na sua idade, é coisa normal. Mas sua escolha é tremendamente infeliz. Será que o senhor não vê que tipo de casa é esta?

— Não estou entendendo o senhor — comentei.

— Não está entendendo? Então pior para o senhor. Considero meu dever preveni-lo. Nós, velhos solteirões, podemos vir aqui: o que pode acontecer conosco? Somos pessoas calejadas, nada penetra nossa couraça; já a pele do senhor ainda é tenra; aqui, para o senhor, o ar é nocivo... acredite em mim, pode infectar-se.

— Como assim?

— Veja bem. Será que agora o senhor é saudável? Encontra-se em estado normal? O que o senhor está sentindo é proveitoso, é bom?

— Mas o que é que estou sentindo? — perguntei, reconhecendo na própria alma que o médico dizia a verdade.

— Ah, jovem rapaz, jovem rapaz — prosseguiu o médico com tal expressão que algo absolutamente ofensivo a mim parecia abrigar-se naquelas duas palavras. — A quem pensa enganar? Pois o senhor, graças a Deus, ainda traz no rosto aquilo que tem na alma. De resto, o que há para explicar? Eu mesmo também não viria para cá se... — o doutor cerrou os dentes — se eu também não fosse um excêntrico. Só me admira uma coisa: como o senhor, com sua inteligência, não enxerga o que se passa à sua volta?

— E o que é que se passa? — retruquei e fiquei muito atento. O médico fitou-me com uma espécie de compaixão zombeteira.

— Bem feito para mim — exclamou, como se falasse para si. — Que necessidade tinha de falar isso para ele? Numa palavra — acrescentou, elevando a voz —, vou repetir para o senhor: a atmosfera daqui não lhe convém. Acha agradável ficar aqui, mas o que isso tem de mais? Na estufa de plantas, o cheiro também é agradável, só que é

impossível viver lá dentro. Ora! Escute o que eu digo, vá cuidar de novo de seu Kaidánov!

A princesa entrou e passou a se queixar com o doutor de uma dor de dente. Depois apareceu Zinaida.

— Aí está — acrescentou a princesa —, senhor médico, chame a atenção dela. Bebe água com gelo o dia inteiro. Por acaso isso é saudável para ela, com seu peito fraco?

— Para que a senhora faz isso? — perguntou Lúchin.

— Que mal isso pode me causar?

— Que mal? A senhora pode apanhar um resfriado e morrer.

— É mesmo? Será? Enfim, tanto melhor!

— Ora essa! — exclamou o médico. A princesa saiu.

— Ora essa — repetiu Zinaida. — Por acaso viver é tão alegre assim? Dê uma olhada em redor... O que há de tão bom? Ou o senhor acha que não entendo isso, que não sinto? Tenho prazer de beber água com gelo, e o senhor, afinal, acha seriamente que pode me convencer de que esta vida vale tanto assim para que não a arrisquemos em troca de um momento de prazer?... E eu já nem estou falando de felicidade.

— Bem — respondeu Lúchin. — Capricho e independência... Essas duas palavras definem a senhora: toda a sua natureza se encontra nessas duas palavras.

Zinaida deu um riso nervoso.

— O correio chegou tarde, querido doutor. O senhor observa mal; está atrasado. Precisa de óculos. Agora, não estou em condições de ter caprichos: fazer o senhor de bobo, fazer a mim mesma de boba... onde está a graça? E quanto à independência... M. Valdemar — acrescentou Zinaida de repente e bateu com o pezinho no chão —, não faça essa cara melancólica. Não consigo suportar que tenham pena de mim. — E retirou-se depressa.

— É nociva, é nociva para o senhor a atmosfera daqui, jovem rapaz — disse-me Lúchin mais uma vez.

XI

Na tarde daquele mesmo dia, em casa das Zassiékina, reuniram-se os convidados de costume; eu estava entre eles.

A conversa tratava do poema de Maidánov; Zinaida o elogiava com sinceridade.

— Mas quer saber de uma coisa? — disse ela. — Se eu fosse poeta, escolheria outros assuntos. Talvez tudo isso seja tolice, porém às vezes me vêm à cabeça umas ideias estranhas, sobretudo quando não consigo dormir, de madrugada, quando o céu começa a ficar rosado e cinzento. Por exemplo, eu... Os senhores não vão rir de mim?

— Não, não! — exclamamos todos numa só voz.

— Eu imagino — continuou ela, de braços cruzados no peito e olhos voltados para o lado — todo um grupo de moças, à noite, num barco grande... num rio sereno. A lua brilha e todas estão de branco, trazem grinaldas de flores e cantam, assim, uma espécie de hino.

— Entendo, entendo, prossiga — disse Maidánov em tom sonhador e sério.

— De repente, barulho, risos, tochas, pandeiros na margem... Um bando de bacantes foge, entre canções e gritos. Daqui para a frente, pintar o quadro é missão sua, senhor poeta... só que eu queria que as tochas fossem vermelhas, muito fumegantes, e que os olhos das bacantes brilhassem sob as grinaldas e que as grinaldas fossem

escuras. Não esqueça também as peles de tigre e as taças... e o ouro, muito ouro.

— E onde deve estar o ouro? — perguntou Maidánov, jogando para trás seus cabelos lisos e dilatando as narinas.

— Onde? Nos ombros, nas mãos, nos pés, em toda parte. Dizem que na Antiguidade as mulheres usavam argolas de ouro nos tornozelos. As bacantes chamam para si as moças que estão no barco. As moças param de cantar seu hino... Não conseguem continuar... mas não se movem: o rio as empurra para a margem. E de repente uma delas se levanta em silêncio... É preciso descrever bem isto: como ela se levanta em silêncio sob o luar e como suas amigas estão assustadas... Ela transpõe a amurada do barco, as bacantes a cercam, a arrebatam e somem na noite, na escuridão... Aqui, imagine rolos de fumaça, e então tudo se embaralha. O que se ouve são apenas os gritos delas e a grinalda de uma jovem fica na margem, caída.

Zinaida calou-se. (“Oh! Está apaixonada!”, pensei de novo.)

— Só isso? — perguntou Maidánov.

— Só — respondeu ela.

— Não serve de tema para um poema longo — respondeu Maidánov com ar importante. — Mas aproveitarei a ideia para um poema lírico.

— De gênero romântico? — perguntou Maliévski.

— Claro, de gênero romântico, byroniano.

— Mas para mim Hugo é melhor que Byron — exclamou o jovem conde, em tom displicente. — Mais interessante.

— Hugo é um escritor de primeira classe — retrucou Maidánov —, e meu amigo Tonkatchéiev, em seu romance espanhol *El trovador...**

— Ah, aquele livro com pontos de interrogações invertidos? — cortou Zinaida.

— Sim. Os espanhóis gostam muito disso. Eu queria dizer que Tonkatchéiev...

— Ora, o senhor vai recommençar a discutir sobre o classicismo e o romantismo — interrompeu-o Zinaida novamente. — É melhor jogarmos.

— O jogo de prendas? — interveio Lúchin.

— Não, de prendas é maçante; vamos brincar de comparação. (Era um jogo inventado pela própria Zinaida: dizia-se o nome de um

objeto qualquer, tentavam compará-lo com outra coisa, e quem apresentava a melhor comparação recebia o prêmio.)

Zinaida aproximou-se da janela. O sol acabara de se pôr, no alto havia nuvens compridas e vermelhas.

— Com que se parecem aquelas nuvens? — perguntou Zinaida e, sem esperar nossa resposta, disse: — Acho que parecem as velas púrpura do barco dourado de Cleópatra, quando ia ao encontro de Antônio. Lembra, Maidánov? Há muito tempo o senhor me contou essa história.

A exemplo de Polônio, em *Hamlet*, todos resolvemos que as nuvens pareciam exatamente aquelas velas e que nenhum de nós seria capaz de fazer uma comparação melhor.

— E quantos anos tinha Antônio, naquela ocasião? — perguntou Zinaida.

— Na verdade, era um homem jovem — respondeu Maliévski.

— Sim, jovem — confirmou Maidánov, com convicção.

— Perdoem — interveio Lúchin. — Tinha mais de quarenta anos.

Fui logo para casa. “Ela está apaixonada”, murmuravam meus lábios, contra a minha vontade. “Mas por quem?”

* Publicado em 1833 na Rússia. (N. T.)

XII

Os dias passaram. Zinaida ficava cada vez mais estranha, mais incompreensível. Certo dia entrei em sua casa e a vi sentada numa cadeira de palhinha, com a cabeça apoiada na beirada pontuda da mesa. Ergueu a cabeça e os ombros... todo o rosto estava coberto de lágrimas.

— Ah! É o senhor! — disse, com um escárnio cruel. — Venha cá.

Aproximei-me dela: colocou a mão na minha cabeça e, agarrando de súbito meu cabelo, pôs-se a torcê-lo.

— Isso dói... — exclamei, afinal.

— Ah! Isso dói! E em mim, não dói? Não dói? — repetiu.

— Oh! — gritou ela de repente, ao ver que havia arrancado um pequeno tufo de meu cabelo. — O que foi que eu fiz? Pobre M. Valdemar!

Com cuidado, alisou os cabelos arrancados, enrolou-os no dedo e prendeu-os como um anelzinho.

— Vou colocar o cabelo do senhor dentro de um medalhão e levar comigo — disse, enquanto as lágrimas continuavam a brilhar em seus olhos. — Talvez isso lhe traga algum consolo... Agora, adeus.

Voltei para casa e lá deparei com uma situação desagradável. Mamãe e papai estavam brigando: ela o repreendia por algum motivo e ele, como de costume, se mantinha calado, frio e educado — e logo depois saiu de casa. Não pude ouvir o que mamãe dizia, mas também não me

interessava: só lembro que, no final da discussão, ela mandou que eu fosse vê-la em seu gabinete e, com grande desgosto, referiu-se às minhas frequentes visitas à casa da princesa, que, nas palavras dela, era *une femme capable de tout*.^{*} Dei um beijo em sua mãozinha (sempre fazia isso quando queria pôr fim na conversa) e fui para meu quarto. As lágrimas de Zinaida me deixaram totalmente perturbado; não sabia em que ideia me deter e eu mesmo estava a ponto de chorar: apesar de tudo, continuava a ser um menino, a despeito de meus dezesseis anos. Não pensava mais em Maliévski, todavia Belovzórov se mostrava mais terrível a cada dia e olhava esquivo para o conde, como um lobo para uma ovelha; já eu não pensava em nada, em ninguém. Perdia-me em conjecturas e sempre procurava lugares solitários. Tinha uma preferência pelas ruínas da estufa de plantas. Costumava escalar uma parede alta, me empoleirava e sentava lá em cima, com ares de um rapaz tão infeliz, solitário e desgostoso que eu mesmo tinha pena de mim — e achava tão agradáveis aqueles sentimentos amargurados que me embriagava com eles!...

Certo dia, estava sentado no alto daquela parede, olhava ao longe e ouvia o som de um sino... De repente algo correu junto a mim — uma brisa, menos que uma brisa, e menos que um calafrio, algo como um hálito, como o pressentimento de uma proximidade... Baixei os olhos. Lá embaixo, na estrada, num vestido leve e acinzentado, com uma sombrinha cor-de-rosa no ombro, Zinaida andava apressada. Avistou-me, parou e, depois de inclinar a aba do chapéu de palha, ergueu para mim os olhos aveludados.

— O que está fazendo aí, tão alto? — perguntou, com um sorriso muito estranho. — Olhe — prosseguiu —, o senhor vive querendo me convencer de que me ama... Então pule para cá, junto de mim, na estrada, se de fato me ama.

Zinaida mal terminara de pronunciar aquelas palavras e eu já descia de um salto, como se alguém tivesse me empurrado. A parede tinha mais ou menos duas braças de altura. Pousei no chão com os pés, mas o impacto foi tão forte que não consegui me segurar: caí e, por um instante, perdi os sentidos. Quando voltei a mim, sem abrir os olhos, senti que Zinaida estava a meu lado.

— Meu menino querido — dizia ela, debruçada sobre mim, e em sua voz vibrava uma ternura alarmada. — Como pôde fazer isso, como pôde me obedecer... Olhe, amo você... levante.

Seu peito respirava a meu lado, suas mãos tocavam minha cabeça e de repente — o que aconteceu comigo, então! — seus lábios macios começaram a cobrir meu rosto de beijos... resvalaram em meus lábios... Mas aí Zinaida, provavelmente pela expressão de meu rosto, adivinhou que eu já acordara, embora continuasse de olhos fechados — e depressa se levantou e disse:

— Vamos, levante, seu patife maluco; por que fica assim estirado na terra?

Levantei-me.

— Dê-me minha sombrinha — disse Zinaida. — Veja só onde eu a larguei. E não fique me olhando assim... que bobagem é essa? O senhor não se machucou? Não se queimou nas urtigas? Falo com ele e nem olha para mim... Não escuta nada, não responde — acrescentou Zinaida, como que falando para si mesma. — Vá para casa, M. Valdemar, escove a roupa e não se atreva a vir atrás de mim... senão vou me zangar e aí nunca mais...

Sem terminar a frase, afastou-se depressa e eu sentei na estrada... As pernas não me sustinham. As urtigas queimaram minhas mãos, as costas doíam, a cabeça rodava, mas o sentimento de beatitude que então experimentei nunca mais se repetiu em minha vida. Perdurava como uma dor doce em todos os membros do corpo e se dissolveu, por fim, em saltos e em exclamações de êxtase. Em suma: eu ainda era um menino.

* Uma mulher capaz de tudo. (N. T.)

XIII

Durante todo aquele dia, fiquei tão alegre e orgulhoso, guardei no rosto de modo tão vívido a sensação dos beijos de Zinaida, com tamanho tremor de emoção eu recordava cada uma de suas palavras, acalentei a tal ponto minha inesperada felicidade que até tive medo dela, não queria vê-la, a culpada daquelas sensações novas. Parecia já impossível exigir o que quer que fosse do destino, e agora era preciso “dar um último suspiro e morrer”. Em compensação, no dia seguinte, ao me dirigir para a casa de fundos, sentia um grande constrangimento, que em vão eu tentava disfarçar sob a máscara do desembaraço comedido de um homem respeitável que deseja dar a impressão de que é capaz de guardar um segredo. Zinaida recebeu-me com muita simplicidade, sem nenhuma perturbação, apenas me ameaçou com o dedo e perguntou se eu não tinha ficado com manchas roxas. Todo meu desembaraço comedido e minha disposição de guardar segredos desapareceram no mesmo instante e, junto, também meu constrangimento. Claro que eu não esperava nada de especial, mas a calma de Zinaida bateu em mim como um jato de água fria. Entendi que a seus olhos eu era uma criança — e isso me doeu muito! Zinaida andava de um lado a outro no quarto, sorria ligeiro toda vez que olhava para mim; mas seus pensamentos estavam longe, eu via isso com clareza... “Vou falar eu mesmo sobre o que aconteceu ontem”, pensei. “Perguntar aonde ela ia com tanta pressa, para eu

saber de uma vez por todas se...” Mas apenas abanei a mão e fiquei sentado num cantinho.

Belovzórov entrou; alegrei-me com isso.

— Não consegui um cavalo manso para a senhora montar — foi logo dizendo, com voz severa. — Freitag me garante que tem um cavalo assim, mas eu não acredito. Tenho medo.

— Tem medo de quê? — quis saber Zinaida. — Se me permite perguntar.

— De quê? Pois se a senhora não sabe andar a cavalo. Deus nos livre do que pode acontecer! Que fantasia a senhora enfiou na cabeça, de repente?

— Bem, isso é da minha conta, monsieur minha fera. Nesse caso, vou pedir o cavalo de Piotr Vassílievitch... (Meu pai se chamava Piotr Vassílievitch. Admirei-me que ela mencionasse seu nome de modo tão fácil e desembaraçado, como se estivesse convencida de que ele a atenderia com presteza.)

— Então é isso — retrucou Belovzórov. — A senhora quer andar a cavalo com ele?

— Com ele ou com outro... Para o senhor, não faz diferença. Só não vou com o senhor.

— Não vai comigo — repetiu Belovzórov. — Como quiser. E daí? Vou arranjar um cavalo para a senhora.

— Mas, veja bem, não me traga um pangaré. Previno ao senhor que quero galopar.

— Galope à vontade... Com quem? Será com o Maliévski que a senhora vai andar a cavalo?

— Mas por que haveria de ser com ele, meu soldado? Muito bem, acalme-se — acrescentou Zinaida. — E não solte faíscas com os olhos. Levarei o senhor também. O senhor sabe que agora, para mim, Maliévski é... puf! — E balançou a cabeça.

— A senhora diz isso para me consolar — resmungou Belovzórov. Zinaida semicerrou os olhos.

— Para consolar o senhor?... Oh... oh... oh... soldado! — disse ela, por fim, como se não conseguisse encontrar outras palavras. — E o senhor, M. Valdemar, gostaria de ir conosco?

— Não gosto... de ficar com muita gente... — balbuciei, sem levantar os olhos.

— O senhor prefere tête-à-tête?... Bem, faça como quiser, mas depois não reclame — disse ela, e suspirou. — Vá, Belovzórov, mexa-se. Preciso de um cavalo para amanhã.

— Sim; e de onde vai sair o dinheiro? — interveio a princesa.

Zinaida franziu as sobrancelhas.

— Não vou pedir à senhora; Belovzórov confia em mim.

— Confia, confia... — repetiu a princesa. E de repente gritou com toda a força dos pulmões: — Duniachka!

— *Maman*, já lhe dei de presente uma sineta — protestou Zinaida.

— Duniachka! — repetiu a velha.

XIV

Na manhã seguinte, levantei cedo, cortei uma varinha para mim e saí pelo portão. Queria dissipar minhas mágoas. O dia estava lindo, claro e não muito quente; um vento alegre, fresco, vagava sobre a terra, farfalhava e brincava com discrição, sempre em movimento, mas sem perturbar. Perambulei muito tempo pelos morros, pelas matas; não me sentia feliz, saíra de casa com a intenção de entregar-me à melancolia, mas a juventude, o tempo bonito, o ar fresco, a diversão da caminhada a passos acelerados, o deleite de estender-me sozinho sobre a relva densa, levaram a melhor: a lembrança das palavras inesquecíveis e dos beijos cravou-se de novo em minha alma. Dava-me prazer pensar que Zinaida não podia, no entanto, deixar de fazer justiça à minha determinação, ao meu heroísmo... “Para ela, os outros são melhores do que eu”, pensava. “Não importa! Em compensação, os outros apenas dizem que fazem e eu fiz! E estou em condições de fazer ainda muito mais por ela!...” Minha imaginação se exaltou de novo. Comecei a imaginar que a salvaria das mãos de um inimigo, que eu, todo ensanguentado, ia arrebatá-la das masmorras, que eu morreria a seus pés. Lembrei-me de um quadro na parede de nossa sala: *Malek-Adel rapta Matilde* — e naquele instante me distraí com a visão de um grande pica-pau colorido que subia com agilidade pelo tronco fino de uma bétula e, com impaciência, espiava pelos lados do tronco, ora à

direita, ora à esquerda, como um instrumentista por trás do braço de um contrabaixo.

Então comecei a cantar “Não são neves brancas” e emendei uma melodia conhecida na época: “Eu te espero, quando o Zéfiro jocoso”; em seguida comecei a recitar em voz alta o apelo de Iermiak às estrelas, da tragédia de Khomiákov;* tentei compor algo do gênero sentimental, inventei até um versinho que deveria ser a conclusão de todo o poema: “Oh, Zinaida! Zinaida!”. Porém não saiu mais nada. Enquanto isso, chegou a hora do almoço. Desci para o vale; uma estradinha arenosa e estreita serpenteava por ele e conduzia à cidade. Segui por aquela estradinha... Um tropel surdo de cascos de cavalos rompeu atrás de mim. Virei-me mecanicamente, parei e tirei o quepe: vi meu pai e Zinaida. Iam lado a lado. Meu pai dizia algo para Zinaida, o tronco muito curvado para ela, afagando o pescoço do cavalo com a mão; ele sorria. Zinaida o escutava em silêncio, olhos abaixados com ar sério e lábios cerrados. Primeiro, vi só os dois; após alguns instantes, por trás da curva do vale, surgiu Belovzórov, de uniforme de hussardo, dólmã de pele, num cavalo negro que espumava. O bom cavalo balançava a cabeça, bufava e empinava: o cavaleiro o continha e o esporeava. Recuei para dar passagem. Meu pai empunhou as rédeas, afastou-se de Zinaida, ela ergueu os olhos lentamente para ele — e os dois partiram a galope... Belovzórov arremeteu atrás deles, tilintando o sabre. “Ele está vermelho como uma lagosta”, pensei. “Mas ela... por que está tão pálida? Cavalgou a manhã inteira... e está pálida?”

Apertei o passo e me apressei para chegar em casa um pouco antes do almoço. Meu pai já estava sentado, de roupa trocada, lavado e fresco, perto da poltrona da mamãe, e lia para ela o folhetim do *Journal des Debats*, com voz ritmada e sonora, mas mamãe ouvia sem atenção e, ao me ver, perguntou onde eu me metera o dia inteiro e acrescentou que não gostava de quando eu andava Deus sabe onde e Deus sabe com quem. Eu ia responder: “Fui passear sozinho”, mas olhei para meu pai e, por algum motivo, fiquei calado.

* Aleksei Stepánovitch Khomiákov (1804-60). Refere-se a Iermiak Timofiéievitch (século XVI), comandante de tropas cossacas na expansão russa para a Sibéria. (N. T.)

XV

Ao longo dos cinco ou seis dias seguintes, quase não vi Zinaida: dizia estar doente, o que, no entanto, não impedia que as visitas habituais aparecessem na casa de fundos para cumprir seu plantão, como eles diziam — todos, exceto Maidánov, que perdia a coragem e se entediava sempre que não tinha motivo para se entusiasmar. Belovzórov ficava sentado e tristonho num canto, todo abotoado e vermelho. No rosto fino de Maliévski vagava o tempo todo uma espécie de sorriso maldoso; ele, de fato, caíra em desgraça com Zinaida e, com um zelo especial, cercava a velha princesa de atenções e foi com ela num coche alugado visitar o governador-geral. Na verdade, essa incursão se revelou um fracasso e foi até desagradável para Maliévski: recordaram-lhe certa história com oficiais da divisão de engenharia, e ele, para se explicar, teve de dizer que era inexperiente na época. Lúchin ia lá duas vezes por dia, mas ficava pouco tempo; desde nossa última conversa, eu tinha um pouco de medo dele, porém ao mesmo tempo sentia uma simpatia mais sincera. Certa vez, Lúchin foi passear comigo pelo Jardim Neskútchni, estava muito amável e bem-humorado, ensinou-me os nomes e as propriedades de várias ervas e flores e de repente, sem mais nem menos, como dizem, exclamou, batendo com a mão na testa:

— Ah, como sou tolo, achei que ela era uma namoradeira leviana! É óbvio que se sacrificar é doce... para alguns.

— O que o senhor quer dizer? — perguntei.

— Para o senhor, não quero dizer nada — retrucou Lúchin, com voz entrecortada.

Zinaida me evitava: minha presença — eu não podia deixar de perceber — produzia nela uma sensação desagradável. De modo mecânico, me dava as costas... De modo mecânico: eis o que me causava amargura, eis o que me esmagava! Mas não havia nada a fazer — e eu tentava não me fazer presente a seus olhos e apenas a espreitava de longe, o que nem sempre era possível. Como antes, algo incompreensível estava acontecendo com Zinaida; o rosto ficou diferente, toda ela estava diferente. Impressionei-me com essa mudança, sobretudo numa tarde quente e sossegada. Eu estava num banquinho baixo ao pé de um largo sabugueiro; adorava aquele lugar: de lá se podia ver a janela do quarto de Zinaida. Estava sentado; acima de minha cabeça, um pequeno passarinho se remexia afoito no meio da folhagem escurecida; um gato cinzento, depois de esticar o dorso, enveredou com cautela pelo jardim, e os primeiros besouros zumbiam pesados no ar, ainda translúcido, embora já não estivesse tão claro. Sentado, eu olhava para a janela e esperava, para ver se ia abrir: pronto — abriu, e nela apareceu Zinaida. Estava de vestido branco — e ela mesma, seu rosto, ombros, braços, estavam pálidos, beirando a brancura. Por muito tempo ficou imóvel e por muito tempo olhou parado e reto por baixo das sobrancelhas contraídas. Eu não conhecia aquele olhar em Zinaida. Em seguida cruzou as mãos com força, muita força, levou-as aos lábios, à testa... e de repente, soltando os dedos, empurrou o cabelo para trás das orelhas, sacudiu-o e, com uma espécie de determinação, virou a cabeça para cima e fechou a janela num movimento brusco.

Três dias depois, Zinaida me encontrou no jardim. Quis esquivar-me para o lado, mas ela mesma me deteve.

— Dê-me a mão — disse ela com o carinho de antes. — Faz tempo que não conversamos.

Olhei para ela: os olhos cintilavam de leve e o rosto sorria, como que através de uma névoa.

— A senhora continua mal de saúde? — perguntei.

— Não, agora passou tudo — respondeu e colheu uma pequena rosa vermelha. — Estou um pouco cansada, mas isso vai passar.

— E a senhora será de novo como era antes? — perguntei. Zinaida levou a rosa até o rosto e me pareceu que o reflexo das pétalas brilhantes batia em seu rosto.

— E por acaso eu mudei? — perguntou.

— Sim, mudou — respondi à meia-voz.

— Fui fria com o senhor, eu sei — começou Zinaida. — Mas o senhor não devia dar atenção a isso... Não pude agir de outro modo... Bem, mas para que falar disso?

— A senhora não quer que eu a ame, essa é a questão — exclamei em tom desolado, numa explosão incontida.

— Não, tenha amor por mim, mas não como antes.

— Como assim?

— Vamos ser amigos, é isso! — Zinaida me deu a rosa para cheirar. — Escute, pois sou muito mais velha que o senhor... Na verdade podia ser sua tia; bem, se não tia, uma irmã mais velha. E o senhor...

— Para a senhora, sou uma criança — eu a interrompi.

— Bem, sim, uma criança, mas meiga, boa, inteligente, que eu amo muito. Sabe de uma coisa? A partir de hoje, nomeio o senhor meu pajem; e não esqueça que os pajens não podem deixar nunca suas damas. Aqui está o sinal de sua nova distinção — acrescentou, enfiando a rosa numa casa de botão de minha jaqueta. — O sinal de nossa benevolência com o senhor.

— Antes, eu recebia da senhora outras benevolências — balbuciei.

— Ah! — exclamou Zinaida e olhou-me de esguelha. — Que memória ele tem! Puxa! Agora também estou pronta...

E, inclinando-se para mim, imprimiu em minha testa um beijo puro e sereno.

Limitei-me a olhar para Zinaida e ela me deu as costas, dizendo:

— Venha atrás de mim, meu pajem — e foi na direção da casa de fundos.

Eu a segui — e pensava, perplexo: “Será possível que essa moça dócil, sensata, seja a mesma Zinaida que conheci?”. E seu modo de andar pareceu-me mais tranquilo — todo o seu porte, mais majestoso e esbelto...

Meu Deus! Com que força renovada o amor se inflamou dentro de mim!

XVI

Depois do almoço, os convidados se reuniram de novo na casa de fundos — e a princesinha veio a seu encontro. Todos estavam presentes, em bloco, como naquela primeira noite, inesquecível para mim: até Nirmátski veio, arrastando a perna; dessa vez, Maidánov chegara mais cedo que todos — trazia versos novos. Começaram de novo a jogar prendas, mas sem as estranhas brincadeiras de antes, sem as tolices e os brados — o elemento cigano desaparecera. Zinaida dava o novo tom de nossa reunião. Eu estava sentado a seu lado, na condição de pajem. Entre outras coisas, ela propôs que quem tivesse de pagar uma prenda contasse um sonho; mas não deu certo. Os sonhos se mostraram desinteressantes (Belovzórov tinha sonhado que dava carpas para seu cavalo comer e que o animal tinha a cabeça de madeira), ou eram artificiais, inventados. Maidánov nos regalou com uma fábula completa: havia catacumbas funéreas, anjos com liras, flores falantes e sons que vinham de longe. Zinaida não deixou que terminasse.

— Se é para falar algo inventado — disse ela —, é melhor que cada um conte logo uma história imaginária.

O primeiro sorteado para falar foi Belovzórov.

O jovem hussardo se viu numa situação embaraçosa.

— Não consigo imaginar nada! — exclamou ele.

— Que bobagem! — retrucou Zinaida. — Bem, imagine, por exemplo, que o senhor é casado e então nos conte como passaria o tempo com sua esposa. O senhor a deixaria trancada?

— Trancada.

— E ficaria com ela?

— Ficaria com ela, certamente.

— Muito bonito. Mas e se isso a deixasse aborrecida e ela enganasse o senhor?

— Eu a mataria.

— E se ela fugisse?

— Eu a perseguiria e a mataria assim mesmo.

— Sei. Mas vamos supor que eu fosse sua esposa, o que o senhor faria, então?

Belovzórov ficou calado.

— Eu me mataria...

Zinaida riu.

— Estou vendo que o senhor é de poucas palavras.

A segunda pessoa sorteada foi Zinaida. Ela ergueu os olhos para o teto e pensou um pouco.

— Bem, escutem o que inventei... — começou, afinal. — Imaginem um castelo majestoso, uma noite de verão e um baile impressionante. Quem dá o baile é uma jovem rainha. Em toda parte, ouro, mármore, cristais, seda, luzes, diamantes, flores, incensos, todos os caprichos do luxo.

— A senhora ama o luxo? — interrompeu Lúchin.

— O luxo é bonito — respondeu Zinaida. — Amo tudo que é bonito.

— Mais do que o belo? — perguntei.

— Isso tem algo de capcioso e eu não entendo. Não me confunda. Então, é um baile magnífico. Há muitos convidados, todos são jovens, bonitos, destemidos, todos loucamente apaixonados pela rainha.

— Não há mulheres entre os convidados? — perguntou Maliévski.

— Não... ou melhor, espere... há, sim.

— Todas feias?

— Lindas. Mas todos os homens estão apaixonados pela rainha. Ela é alta e esbelta; usa um diadema dourado nos cabelos negros.

Olhei para Zinaida — e naquele instante, com sua testa branca, ela me pareceu tão mais alta que todos nós, suas sobranceiras imóveis emanavam uma inteligência tão lúcida e um poder tão grande que pensei: “A rainha é você mesma!”.

— Todos se aglomeraram em torno dela — prosseguiu Zinaida. — Todos esbanjam as palavras mais lisonjeiras diante dela.

— E ela gosta de lisonjas? — perguntou Lúchin.

— Que insolente! Não para de me interromper... Quem não gosta de lisonjas?

— Só mais uma pergunta, a última — observou Maliévski. — A rainha tem marido?

— Não pensei nisso. Não, para que marido?

— *Silence!* — exclamou Maidánov, que falava mal o francês.

— *Merci* — disse-lhe Zinaida. — Portanto, a rainha ouve essas palavras, escuta a música, mas não olha para nenhum dos convidados. Há seis janelas abertas de alto a baixo, do chão ao teto; atrás delas, o céu escuro com estrelas grandes e o jardim escuro com árvores grandes. A rainha olha para o jardim. Lá, em torno das árvores, uma fonte; branca, ela se destaca no escuro... alta, alta, como um fantasma. Através das vozes e da música, a rainha escuta os suaves respingos da água. Olha e pensa: todos os senhores, nobres, inteligentes, ricos, me rodeiam, apreciam cada uma de minhas palavras, todos estão prontos para morrer a meus pés, eu domino os senhores... Mas lá, junto à fonte, junto à água que respinga, à minha espera está aquele que eu amo, que me domina. Não veste roupas ricas nem pedras preciosas, ninguém o conhece, mas ele me espera e tem certeza de que irei... e irei de fato, e não existe poder capaz de me deter quando eu quiser ir a seu encontro, e ficar com ele, e perder-me com ele na escuridão do jardim, sob o sussurro das folhas das árvores, sob o rumor da água da fonte. — Zinaida calou-se.

— Isso é inventado? — perguntou Maliévski com ar maroto.

Zinaida nem olhou para ele.

— E o que nós faríamos, cavalheiros — interveio Lúchin de repente —, se estivéssemos entre os convidados e soubéssemos desse homem afortunado e dessa fonte?

— Esperem, esperem — cortou Zinaida. — Eu mesma vou contar aos senhores o que cada um faria. O senhor, Belovzórov, o desafiaria para um duelo; o senhor, Maidánov, escreveria um epigrama para ele. Aliás, não... o senhor não seria capaz de escrever um epigrama, criaria para ele um longo iambo, à maneira de Barbier,* e faria publicar sua obra no *Telégrafo*. O senhor, Nirmátski, pediria emprestado a ele... ou melhor, o senhor lhe emprestaria dinheiro a juros, e já o senhor, doutor... — Ela parou. — Veja, quanto ao senhor, não sei o que faria.

— Na condição de médico da corte — respondeu Lúchin —, eu recomendaria à rainha que não oferecesse um baile quando não estivesse disposta a dar atenção a seus convidados...

— Talvez o senhor tenha mesmo razão. E o senhor, conde...

— E eu? — repetiu Maliévski com seu sorriso maldoso.

— O senhor mandaria para ele um bombom envenenado.

O rosto de Maliévski contraiu-se um pouco e, por um momento, tomou uma expressão de judeu, mas logo deu uma gargalhada.

— Quanto ao senhor, Valdemar... — prosseguiu Zinaida. — Pensando bem, já chega. Vamos brincar de outra coisa.

— M. Valdemar, na qualidade de pajem da rainha, seguraria a cauda de seu vestido quando ela fosse para o jardim — emendou Maliévski, em tom venenoso.

Fiquei a ponto de explodir, mas Zinaida colocou rapidamente a mão no meu ombro, levantou-se e falou com voz ligeiramente trêmula:

— Nunca dei a vossa excelência o direito de ser impertinente e por isso peço que se retire. — Apontou-lhe a porta.

— Perdoe-me, princesinha — balbuciou Maliévski e ficou muito pálido.

— A princesinha está certa — exclamou Belovzórov e também se levantou.

— Por Deus, eu não pretendia de forma nenhuma... — prosseguiu Maliévski. — Em minhas palavras não parecia haver nada tão... eu não tinha em mente ofender a senhora... Perdoe-me.

Zinaida dirigiu-lhe um olhar frio e deu uma risada fria.

— Está bem, fique — disse ela com um gesto displicente de mão. — Eu e o M. Valdemar nos irritamos à toa. Se lhe agrada ser venenoso, esteja à vontade.

— Perdoe-me — repetiu Maliévski mais uma vez, e eu, lembrando o gesto de Zinaida, pensei de novo que uma verdadeira rainha não poderia expulsar um insolente com mais dignidade do que ela.

Depois dessa pequena cena, o jogo de prendas prosseguiu por pouco tempo; todos se sentiam um pouco embaraçados, menos por causa da cena do que por outro sentimento penoso, não muito bem definido. Ninguém falava do assunto, mas todos tinham consciência disso, em si mesmos e em quem estava a seu lado. Maidánov recitou seu poema para nós — e Maliévski elogiou-o com fervor exagerado. “Olhe como agora ele quer mostrar-se bonzinho”, sussurrou-me Lúchin. Logo dispersamos. De repente, Zinaida se tornara pensativa; a princesa declarou que tinha dor de cabeça; Nirmátski começou a queixar-se de seu reumatismo...

Demorei muito a dormir, me impressionei com a história contada por Zinaida.

“Será que existe alguma alusão na história?”, perguntei a mim mesmo. — A quem e a que ela estava aludindo? E será que alude de fato a alguma coisa?... Como vou decidir? Não, não, não pode ser”, murmurei, virando de um lado para outro as faces ardentes... Mas lembrava a expressão do rosto de Zinaida na hora em que contava sua história, lembrava a exclamação que Lúchin deixara escapar no Jardim Neskútchin, as inesperadas mudanças no modo como Zinaida me tratava, e me perdia em conjecturas. “Quem é ele?” Essas três palavras pareciam estar imóveis na frente de meus olhos, gravadas na escuridão; como uma nuvem baixa e ameaçadora suspensa sobre mim... e eu sentia sua pressão e esperava que a qualquer momento a tempestade irrompesse. Eu me habituara a muita coisa nos últimos tempos, observava muita coisa na casa das Zassiékina; sua desordem, seus tocos de vela de sebo, os garfos e facas quebrados, o desolado Bonifácio, as criadas andrajosas, as maneiras da própria princesa — toda aquela vida estranha já não me impressionava mais... Porém o que agora me parecia confuso em Zinaida... eu não conseguia me habituar... “Aventureira”, disse mamãe sobre ela certo dia. Aventureira — ela, meu ídolo, minha divindade! Essa palavra me incendiava, eu tentava fugir dela no travesseiro, ficava indignado — e,

ao mesmo tempo, o que eu não aceitaria, o que eu não daria para ser o felizardo junto à fonte!

Dentro de mim, o sangue afogueava, disparava. “Jardim... fonte...”, pensei. “Irei ao jardim.” Troquei de roupa às pressas e escapuli de casa. A noite estava escura, as árvores sussurravam bem de leve; do céu, descia uma friagem serena; da horta, vinha um cheiro de funcho. Percorri todas as alamedas; o som suave de meus passos me desconcertava e me estimulava; então me detive, esperei e escutei as pancadas de meu coração — fortes e rápidas. Por fim, aproximei-me da cerca e me encostei numa estaca fina. De repente — ou tive uma alucinação? —, a poucos passos de mim, deslizou um vulto de mulher... Forcei os olhos no escuro — preendi a respiração. O que é isso? Ouvia passos... ou era de novo meu coração batendo? “Quem está aí?” — sussurrei, quase em voz alta. De novo, o que é isso? Um riso abafado... um sussurro nas folhas... ou o ar em meu ouvido? Tive medo... “Quem está aí?”, repeti, ainda mais baixo.

O ar se deslocou por um instante; uma faixa de luz relampejou no céu; uma estrela correu. “Zinaida?” — quis perguntar, mas o som morreu em meus lábios. E de repente tudo em redor ficou profundo, imóvel, como acontece muitas vezes no meio da noite... Até os grilos pararam de cantar nas árvores — só uma janela estalou em algum lugar. Fiquei parado por muito tempo e depois voltei para casa, para minha cama gelada. Sentia uma inquietação estranha: como se eu tivesse ido para um encontro, acabasse ficando sozinho e apenas houvesse passado perto da felicidade de outra pessoa.

* Auguste Barbier (1805-82). Poeta francês. *Iambes et poèmes* é seu livro de 1831. (N. T.)

XVII

No dia seguinte, vi Zinaida só de relance: ela ia com a princesa para algum lugar, num coche de praça. Em compensação, vi Lúchin, que aliás mal se dignou a me cumprimentar, e Maliévski. O jovem conde sorriu meio torto para mim e falou-me em tom amigável. De todos os visitantes da casa de fundos, só ele conseguira insinuar-se em nossa casa e ganhar a simpatia de mamãe. Meu pai não se dava bem com ele e o tratava com uma cortesia que beirava a ofensa.

— Ah, *monsieur le page!** — começou Maliévski. — Estou muito contente de vê-lo. O que anda fazendo sua bela rainha?

Seu rosto fresco e bonito pareceu-me tão nojento naquele instante e ele me olhava com um ar tão desdenhoso e irônico que não respondi.

— O senhor continua aborrecido? — prosseguiu. — Não há motivo. Pois não fui eu que o nomeei pajem, e os pajens costumam estar junto das rainhas. Mas permita que lhe diga que o senhor cumpre mal seu dever.

— Como assim?

— Os pajens devem ser inseparáveis de suas soberanas; os pajens devem saber o que elas fazem, devem até vigiá-las — acrescentou, baixando a voz —, dia e noite.

— O que o senhor quer dizer?

— O que quero dizer! Parece que me exprimi com muita clareza. Dia... e noite. De dia, nem precisa explicar: de dia, está claro, há

muita gente; mas de noite há sempre uma desgraça à espreita. Aconselho ao senhor que não durma à noite e observe, observe com toda a atenção. Lembre... no jardim, à noite, junto à fonte... é lá que é preciso vigiar. O senhor vai me agradecer.

Maliévski riu e me deu as costas. Provavelmente ele não dava uma importância especial ao que me disse; tinha reputação de grande mistificador e ganhou fama com sua capacidade de fazer os outros de bobo por meio de suas imposturas, no que lhe ajudava muito a falsidade quase inconsciente que se infiltrava por todo o seu ser... Ele só queria me provocar; mas cada uma de suas palavras penetrava como veneno em todas minhas veias. O sangue me subiu à cabeça. “Ah! Então é isso!”, disse para mim mesmo. “Muito bem! Talvez meus pressentimentos de ontem fossem verdadeiros! Talvez eu não tenha sido atraído à toa para o jardim! Não vai acontecer!”, exclamei em voz alta e bati com o punho no peito, embora não soubesse exatamente o que não ia acontecer. “Será que o próprio Maliévski visitou o jardim?”, pensei (talvez ele tivesse apenas falado para se gabar: tinha audácia de sobra para isso). “Ou foi algum outro” (a cerca de nosso jardim era muito baixa e não havia nenhuma dificuldade para transpô-la). “Mas quem cair nas minhas mãos vai acabar mal! Não recomendo a ninguém que me encontre em seu caminho! Vou mostrar para todo mundo e para ela também, a infiel” (eu a chamei de fato de infiel), “que sou capaz de me vingar!”

Voltei para meu quarto. Na escrivaninha, peguei uma facincha inglesa, comprada havia pouco tempo, apalpei a lâmina afiada, franzi as sobrancelhas e enfiei-a no bolso com determinação fria e concentrada, como se agir desse modo não fosse para mim nenhuma novidade. O coração crescia com rancor e se petrificava dentro de mim; até a noite, fiquei de sobrancelhas franzidas, de lábios cerrados, andando o tempo todo para um lado e para outro, enquanto a mão apertava a faca no bolso, preparando-me de antemão para algo terrível. Aquelas sensações novas e inéditas me interessavam e até me alegravam a tal ponto que eu pouco pensava em Zinaida, propriamente. Vinha-me todo o tempo a imagem de Aleko,** o jovem cigano: “Para onde vai, jovem belo? Deite-se...”. E depois: “Você está todo respingado de sangue! Oh, o que fez?...” “Nada!”. E com que

sorriso cruel repeti isto: Nada! Papai não estava em casa; mas mamãe, que desde algum tempo se encontrava num estado quase permanente de surda irritação, voltou a atenção para meu aspecto fatal e me disse, no jantar: “Por que anda mal-humorado, de cara feia?”. Em resposta, apenas forcei um riso zombeteiro e pensei: “Se eles soubessem!”. Passava das onze horas; fui para meu quarto, mas não troquei de roupa, esperei a meia-noite; por fim, deu meia-noite. “Está na hora!”, sussurrei entre os dentes e, depois de me abotoar até o pescoço e arregaçar as mangas, fui para o jardim.

Já havia escolhido de antemão o lugar onde ia ficar de vigia. Um abeto solitário crescia no fim do jardim, onde a cerca que separava nossos domínios do terreno das Zassiékina encontrava o muro comum a ambos. De pé sob seus ramos baixos e frondosos, eu podia ver bem o que se passava em redor, na medida em que a escuridão da noite permitia; ali serpeava uma trilha que sempre me parecia misteriosa: ela se esgueirava como uma cobra por baixo da cerca e, naquele local, havia marcas de pés, indicando que alguém havia subido por ali, e conduzia a um pequeno coreto redondo, rodeado de acácias. Alcancei o abeto, encostei-me em seu tronco e pus-me a vigiar.

A noite estava tão silenciosa como na véspera; mas no céu havia menos nuvens — e viam-se com mais clareza silhuetas de arbustos e até de flores altas. Os primeiros momentos de espera foram demorados, quase aterradores. Eu estava decidido a tudo, apenas refletia: Como devo agir? Esbravejar: “Aonde vai? Pare aí! Confesse... ou morra!”, ou simplesmente atacar de surpresa?... Cada som, cada rumor e sussurro de folhagem me pareciam graves, extraordinários... Preparei-me... Inclinei-me para a frente... Mas passou meia hora, passou uma hora; meu sangue se aquietou, esfriou; começou a se insinuar em minha alma a consciência de que fazia tudo aquilo em vão, de que era até um pouco ridículo, de que Maliévski me havia pregado uma peça. Abandonei minha tocaia e percorri o jardim inteiro. Como se fosse de propósito, não se ouvia o menor barulho em parte nenhuma; tudo sossegara; até nosso cachorro dormia, enrolado como uma bola junto ao portão. Escalei a ruína da estufa de plantas, vi à minha frente o campo distante, lembrei-me do encontro com Zinaida e comecei a pensar...

Veio um sobressalto... Tive a impressão de ouvir o rangido de uma porta abrindo, depois o leve estalo de um raminho quebrado. Em dois pulos, desci da ruína — e fiquei paralisado. Passos leves, rápidos, mas cuidadosos ressoaram nitidamente no jardim. Aproximaram-se de mim. “Aí está ele... aí está ele, enfim!”, disparou pelo meu coração. Num espasmo saquei a faca do bolso, num espasmo tirei-a da bainha — fagulhas vermelhas pareciam girar em meus olhos, os cabelos se arrepiaram na cabeça, de medo e de ódio... Os passos vinham em minha direção — me inclinei para a frente, ia avançar ao encontro dele... Um homem apareceu... meu Deus! Era meu pai!

No mesmo instante o reconheci, embora viesse todo envolto numa capa preta e o chapéu encobrisse o rosto. Passou por mim na ponta dos pés. Não me viu, apesar de eu nada ter feito para me esconder, porém eu estava tão encolhido e tenso que, ao que parece, me igualava à própria terra. Enciumado, pronto para o assassinato, de súbito o Otelo se transformou num pequeno aluno de colégio... Assustei-me a tal ponto com a repentina aparição de meu pai que, de início, nem percebi de onde vinha e em que lado desapareceu. Só então, quando tudo silenciou à minha volta, me pus ereto e pensei: “Para que papai está andando à noite pelo jardim?”. De medo, deixei cair a faca na grama, mas nem quis procurá-la: estava com muita vergonha. Rapidamente voltei à razão. No entanto, no regresso para casa, fui ao meu banquinho sob o arbusto de sabugueiro e olhei para a janelinha do quarto de Zinaida. Vidros pequenos, um pouco arqueados, azulavam turvos sob a luz fraca que caía do céu da noite. De repente — a cor deles começou a se modificar... Por trás dos vidros — vi isso, vi bem nítido —, a cortina esbranquiçada baixou com cuidado e sem fazer barulho, e permaneceu assim, imóvel.

— O que é isso? — falei em voz alta, quase sem querer, quando estava de novo no meu quarto. — Um sonho, uma coincidência ou... — As hipóteses que me vieram de repente à cabeça eram tão novas e estranhas que eu nem tinha coragem de me deter nelas.

* Senhor pajem. (N. T.)

** Herói do poema “Os ciganos” (1824), de Púchkin. (N. T.)

XVIII

Levantei de manhã com dor de cabeça. A agitação da véspera desaparecera. Dera lugar a uma perplexidade opressiva e a uma espécie de tristeza inédita — como se algo tivesse morrido dentro de mim.

— O que há com você? Está parecendo um coelho do qual tiraram metade do cérebro — disse Lúchin ao me encontrar.

Durante o almoço, eu olhava furtivamente ora para meu pai, ora para mamãe: ele estava calmo, como de costume; ela, como de costume, misteriosamente irritada. Esperei para ver se meu pai não ia falar comigo de maneira amigável, como às vezes acontecia... Mas nem me concedeu seu carinho frio de todos os dias. “Vou contar tudo para Zinaida?”, pensei. “Já não faz nenhuma diferença... Tudo entre nós está acabado.” Fui à casa dela, mas não só não contei nada como nem consegui conversar com ela como queria. O filho da princesa, de doze anos, aluno da escola de cadetes, chegara de Petersburgo para passar férias; Zinaida me incumbiu de cuidar do irmão.

— Aqui está ele — disse Zinaida. — Meu querido Volódia (pela primeira vez me chamava assim), meu camarada. Ele também se chama Volódia. Por favor, seja amigo dele; ainda é um bichinho do mato, mas tem bom coração. Mostre-lhe o Jardim Neskútchni, passeie com ele, tome-o sob seus cuidados. Fará isso, não é verdade? O senhor é tão bom!

Pôs as mãos nos meus ombros com carinho — e fiquei completamente desconcertado. A chegada do menino me transformava também num menino. Olhei em silêncio para o cadete, que me encarava também calado. Zinaida riu e empurrou-nos um para o outro:

— Vamos, abracem-se, crianças!

Obedecemos.

— Quer que lhe mostre o jardim? — perguntei ao cadete.

— Por favor — respondeu com voz forte e direta.

Zinaida riu de novo... Consegui notar que ela nunca tivera no rosto cores tão encantadoras. Saí com o cadete. No jardim havia uns balanços velhos. Sentei-o na tabuinha fina e comecei a balançá-lo. Ele estava parado, imóvel, em seu uniforme novo, de pano grosso, com galões largos e dourados, e segurava-se com força nas cordas.

— Não quer desabotoar o colarinho? — disse para ele.

— Não, senhor, estou acostumado — respondeu e tossiu.

Era parecido com a irmã; sobretudo os olhos lembravam Zinaida. Eu achava agradável lhe dar atenção, entretanto a mesma tristeza penosa roía meu coração em silêncio. “Agora sou igual a um menino”, pensei, “mas ontem...” Lembrei onde deixara cair a faquinha na véspera, fui até lá e a encontrei. O cadete pegou-a, arrancou uma grossa haste de salsão, fez com ela uma espécie de pífano e pôs-se a tocar. Otelo fez o mesmo.

À tarde, entretanto, como chorou esse mesmo Otelo nos braços de Zinaida, quando, depois de encontrá-lo num canto do jardim, ela perguntou por que andava tristonho. Minhas lágrimas jorraram com tanta força que Zinaida até se assustou.

— O que há com o senhor? O que há com o senhor? Volódia? — insistiu Zinaida, e, vendo que eu não respondia e não parava de chorar, inventou de dar um beijo no meu rosto molhado.

Virei o rosto para me esquivar e balbuciei entre os soluços:

— Sei de tudo; por que a senhora brinca comigo? Para que a senhora precisaria do meu amor?

— Sou culpada diante do senhor, Volódia... — disse Zinaida. — Ah, sou muito culpada... — acrescentou e apertou as mãos uma na outra. — Dentro de mim há muita maldade, muita sombra, muito pecado...

Mas agora não estou brincando com o senhor, eu amo o senhor... o senhor nem suspeita por que e como... Mas o que o senhor sabe?

O que eu podia dizer? Estava parada na minha frente e olhava para mim — e eu pertencia todo a ela, dos pés à cabeça, assim que Zinaida olhava para mim... Quinze minutos depois, eu já estava apostando corrida com o cadete e com Zinaida; eu não chorava, eu ria, embora as pálpebras estivessem inchadas por causa das lágrimas de alegria; em vez de gravata, eu trazia no pescoço uma fita de Zinaida e gritava de contentamento quando conseguia segurá-la pela cintura. Ela fazia comigo tudo o que queria.

XIX

Eu me veria em grande apuro se me obrigassem a contar em detalhes o que aconteceu comigo no decorrer das semanas seguintes à minha fracassada expedição noturna. Foi uma época estranha, febril, uma espécie de caos em que os mais contraditórios sentimentos, pensamentos, suspeitas, esperanças, alegrias e sofrimentos giravam num redemoinho; tinha medo de olhar para dentro de mim mesmo, se é que um menino de dezesseis anos consegue olhar para dentro de si, tinha medo de prestar contas a mim mesmo do que quer que fosse; limitava-me a viver depressa cada dia até a noite; em compensação, à noite eu dormia... Ajudava-me a frivolidade infantil. Eu não queria saber se me amavam nem queria confessar a mim mesmo que não me amavam; evitava meu pai — mas não conseguia evitar Zinaida... Eu ardia como fogo em sua presença... mas de que me adiantava saber que fogo era aquele em que eu queimava e derretia.... se era doce para mim derreter e queimar? Eu me entregava por inteiro às minhas impressões e dissimulava para mim mesmo, me esquivava das recordações e cobria os olhos diante daquilo que eu pressentia estar mais à frente... Sem dúvida, essa aflição não poderia se prolongar por muito tempo... Um choque violento pôs fim a tudo de uma só vez e lançou-me numa nova direção.

Certo dia, ao voltar para o jantar depois de um passeio bastante demorado, me dei conta com surpresa de que ia comer sozinho; meu

pai tinha saído e mamãe não estava passando bem, não queria comer e se trancara em seu quarto. Pelo rosto dos criados, adivinhei que algo fora do normal se passara... Não tive coragem de perguntar-lhes, mas eu tinha um amigo, o jovem copeiro Philippe, apaixonado pela poesia e um artista no violão — dirigi-me a ele. Por Philippe eu soube que houvera uma cena terrível entre papai e mamãe (do quarto das criadas, ouviu-se tudo, cada palavra; muita coisa foi dita em francês, mas a arrumadeira Macha vivera cinco anos em Paris como costureira e compreendeu tudo); mamãe acusou meu pai de ser infiel, de encontrar-se com a senhorita vizinha, de início papai quis desculpar-se, depois se inflamou e, por sua vez, disse palavras cruéis “sobre a idade dela”, o que fez mamãe chorar; mamãe também mencionou uma letra de câmbio que teria dado à velha princesa e referiu-se a ela de modo muito rude e também à senhorita, e então papai a ameaçou.

— Toda essa desgraça — prosseguiu Philippe — foi motivada por uma carta anônima e não se sabe quem a escreveu; não fosse isso, não haveria como o assunto vir à tona.

— Mas será que houve de fato alguma coisa? — perguntei com dificuldade, ao mesmo tempo que as mãos e os pés gelavam e algo começava a tremer lá no fundo de meu peito.

Philippe hesitou de modo revelador.

— Houve. Essas coisas não ficam em segredo; por mais que seu pai tenha sido cauteloso... mas, por exemplo, é preciso alugar um coche ou outra coisa... E também não se faz nada sem a ajuda dos criados.

Dispensei Philippe — e desabei na cama. Não me pus a soluçar, não me rendi ao desespero; não me perguntei quando e como tudo aquilo ocorreria; não fiquei admirado de não ter adivinhado antes, muito mais cedo — nem mesmo censurei papai em voz baixa. Aquilo que eu acabara de saber estava acima de minhas forças: aquela revelação repentina me esmagava... Tudo estava acabado. Todas as minhas flores foram arrancadas de uma só vez e jaziam à minha volta, espalhadas e pisoteadas.

XX

No dia seguinte, mamãe avisou que ia mudar para a cidade. De manhã, papai foi ao quarto dela e os dois ficaram juntos e a sós por muito tempo. Ninguém ouviu o que ele falou, mas mamãe já não chorava; tinha se acalmado e quis comer — no entanto não quis sair do quarto e manteve sua decisão. Lembro que vagueei o dia inteiro, sem ir ao jardim ou espiar a casa de fundos, mas à tarde fui testemunha de um acontecimento surpreendente: meu pai segurou o conde Maliévski pelo braço e retirou-o da sala para o vestibulo e, diante do laçao, disse com frieza: “Dias atrás, em outra casa, apontaram a vossa excelência o caminho da porta; agora não vou dar explicações ao senhor, mas tenho a honra de lhe avisar que, se o senhor puser os pés outra vez em minha casa, vou expulsá-lo pela janela. Não gosto de sua caligrafia”. O conde fez uma reverência, torceu os lábios, esquivou-se e desapareceu.

Começaram os preparativos da mudança para a cidade, para a rua Arbat, onde tínhamos uma casa. O próprio papai, com certeza, já não queria mais ficar na datcha; mas parece que conseguiu persuadir mamãe a não armar nenhum escândalo. Tudo foi feito com calma, sem pressa, mamãe até mandou à princesa seus cumprimentos e seu pesar por não poder despedir-se pessoalmente por motivo de saúde. Eu vagava como um louco — e desejava apenas que tudo aquilo terminasse o quanto antes.

Uma ideia não saía de minha cabeça: como ela, moça jovem — e ainda por cima uma jovem princesa —, foi capaz de agir daquela forma, sabendo que meu pai era um homem comprometido e tendo a possibilidade de se casar com Belovzórov, por exemplo? O que ela esperava? Como não ter receio de pôr a perder todo o seu futuro? Sim, eu pensava, é isso — o amor é isso —, a paixão é isso — a devoção... E lembrei-me das palavras de Lúchin: é doce sacrificar-se pelos outros. Calhou de eu avistar numa janela da casa de fundos uma mancha branca... “Será o rosto de Zinaida?”, pensei... Era exatamente seu rosto. Eu não suportava. Não podia separar-me dela sem um último adeus. Aproveitei um momento favorável e fui à casa de fundos. Na sala, a princesa me recebeu de sua maneira habitual, suja e desleixada.

— O que houve, meu caro, para seus pais irem embora tão cedo? — perguntou, enquanto entupia as narinas de rapé.

Olhei para ela e meu coração se aliviou. As palavras “letra de câmbio”, ditas por Philippe, me atormentavam. Ela não desconfiava de nada... pelo menos, era o que me parecia. Zinaida veio do quarto ao lado, de vestido preto, pálida, de cabelos soltos; tomou-me em silêncio pelo braço e me levou consigo.

— Ouvi sua voz — disse ela — e vim logo. Então é tão fácil assim nos deixar, menino malvado?

— Vim despedir-me da senhora, princesinha — respondi. — Provavelmente para sempre. A senhora, na certa, já soube... vamos partir.

Zinaida olhou-me fixamente.

— Sim, eu soube. Obrigado por ter vindo. Já estava achando que não ia ver o senhor. Não tenha más recordações de mim. Algumas vezes atormentei o senhor; apesar disso não sou como o senhor imagina.

Virou-se de costas e apoiou-se na janela.

— Na verdade, não sou assim. Sei que o senhor tem uma opinião ruim a meu respeito.

— Eu?

— Sim, o senhor... o senhor.

— Eu? — repeti com amargura, e meu coração começou a tremer como antes sob o efeito de um fascínio irresistível e irreprimível. —

Eu? Acredite, Zinaida Aleksándrovna, não importa o que a senhora faça, não importa o quanto me atormente, vou amar e adorar a senhora até o fim de meus dias.

Virou-se rapidamente para mim, abriu os braços, abraçou minha cabeça e beijou-me com força e ardor. Deus sabe a quem aquele longo beijo de despedida procurava, mas desfrutei com avidez de sua doçura. Sabia que jamais se repetiria.

— Adeus, adeus — insisti...

Ela se desvencilhou e fugiu. E eu me afastei. Não estou em condições de descrever o sentimento com que me afastei. Não gostaria de que se repetisse algum dia; mas me consideraria um infeliz se nunca o tivesse experimentado.

Mudamos para a cidade. Demorei a me livrar do passado, demorei a me dedicar aos estudos. Minha ferida cicatrizava devagar; mas, a rigor, não tinha nenhum sentimento ruim em relação a meu pai. Ao contrário, ele parecia ter crescido a meus olhos... Deixemos que os psicólogos expliquem essa contradição como souberem. Certa vez, eu andava por um bulevar e, para minha indescritível alegria, topei com Lúchin. Eu o amava por seu caráter direto e franco, além de me ser caro pelas lembranças que despertava em mim. Corri em sua direção.

— Ahá! — exclamou e franziu as sobrancelhas. — É você, jovem rapaz! Deixe-me vê-lo. Ainda está muito amarelo, mas nos olhos não há mais as besteiras de antes. O senhor parece um homem, e não um cachorrinho doméstico. Isso é bom. Mas o que o senhor anda fazendo? Estuda?

Suspirei. Não tinha vontade de mentir e, para dizer a verdade, sentia vergonha.

— Muito bem, não importa — prosseguiu Lúchin. — Não se acanhe. O importante é viver normalmente e não se entregar às paixões. Do contrário, qual a vantagem? Para onde quer que a onda leve, é sempre ruim; mesmo sobre uma pedra, o homem deve apoiar-se nos próprios pés. Quanto a mim, ando tossindo... E o Belovzórov... O senhor soube?

— Não. O que foi?

— Desapareceu, não há notícias; dizem que foi para o Cáucaso. Uma lição para o senhor, jovem rapaz. E tudo porque não soube libertar-se

a tempo, romper a rede. Já o senhor, pelo visto, escapou são e salvo. Veja bem, não se deixe apanhar de novo. Adeus.

“Não me deixarei apanhar...”, pensei. “Não a verei mais”; no entanto, eu estava destinado a ver Zinaida mais uma vez.

XXI

Todo dia meu pai saía a cavalo; tinha um magnífico cavalo inglês, ruão e ruivo, incansável e bravo, de pescoço longo e fino e pernas compridas. Chamavam-no Elétrico. Exceto papai, ninguém conseguia montá-lo. Certa vez, papai veio ao meu quarto num excelente estado de espírito, o que havia muito não acontecia com ele; preparava-se para sair e já pusera as esporas. Pedi-lhe que me levasse consigo.

— É melhor você ir pular carniça — respondeu papai. — Não vai conseguir me acompanhar no seu pângaré.

— Consigo; também vou pôr as esporas.

— Está bem, à vontade.

Partimos. Eu tinha um cavalinho murzelo, peludo, de pernas fortes e bastante arisco; na verdade, eu precisava galopar a toda brida enquanto o Elétrico avançava a pleno trote, mas mesmo assim não fiquei para trás. Eu não conhecia um cavaleiro comparável a papai; montava com tal beleza, agilidade e relaxamento que era como se o próprio cavalo tivesse consciência disso e se envaidecesse dele. Percorremos todos os bulevares, visitamos o parque Diévitchi, pulamos algumas cercas (de início tive medo de pular, mas papai desprezava pessoas medrosas — e parei de ter medo), atravessamos duas vezes o rio Moscou, e quando eu já pensava que íamos para casa, ainda mais porque o próprio papai notou que meu cavalo estava cansado, ele de repente deu uma guinada no vau da Crimeia, afastou-

se de mim e seguiu a galope pela margem. Lancei-me atrás dele. Quando o alcancei, junto a uma pilha de tábuas velhas entrecruzadas, ele desmontou depressa do Elétrico, mandou-me desmontar também e, depois de me entregar as rédeas de seu cavalo, disse para esperá-lo ali mesmo, junto às tábuas, depois deu a volta por uma ruazinha lateral e desapareceu. Comecei a andar para um lado e para outro, ao longo da margem, puxando os cavalos atrás de mim e repreendendo Elétrico, que no caminho repuxava a cabeça, sacudia-se, bufava, relinchava; quando eu parava, ele cavoucava a terra com as patas, alternadamente, mordida com um ganido o pescoço de meu cavalinho; em suma, portava-se como um *pur sang* mimado. Papai não voltava. Do rio, vinha uma umidade desagradável; uma chuvinha fina começou a cair de leve e salpicava com diminutas manchas escuras as estúpidas tábuas cinzentas em torno das quais eu andava e que, na verdade, eu já estava farto de ver. O tédio me dominou e meu pai não chegava nunca. Um guarda finlandês, também todo cinzento, com uma barretina velha, enorme e com aspecto de panela na cabeça, armado com uma alabarda (o que estaria fazendo um guarda ali, na margem do rio Moscou?), aproximou-se e, voltando para mim o rosto envelhecido, enrugado, falou:

— O que está fazendo aqui com esses cavalos, senhor? Dê-me as rédeas, eu seguro.

Não respondi; ele me pediu tabaco. Para me livrar dele (ainda mais porque a impaciência me atormentava), dei alguns passos na direção em que meu pai havia se afastado; depois segui a ruazinha lateral até o fim, dobrei a esquina e parei. Na rua, a quarenta passos de onde eu estava, diante da janela aberta de um casebre de madeira, de costas para mim, estava meu pai; apoiava o peito na janelinha e, dentro do casebre, escondida até a metade pela cortina, estava sentada uma mulher de vestido escuro, que conversava com ele; a mulher era Zinaida.

Fiquei estupefato. Confesso, aquilo era algo que eu nem de longe esperava. Meu primeiro impulso foi fugir. “Meu pai vai virar para cá”, pensei. “E aí estou perdido...” Mas um sentimento estranho, um sentimento mais forte que a curiosidade, mais forte até que o ciúme, mais forte que o medo, me deteve. Comecei a observar, esforçando-me

para ouvir. Parecia que papai dizia algo com insistência. Zinaida não concordava. Parece que estou vendo seu rosto agora, tristonho, sério, bonito e com uma indescritível marca de devoção, tristeza, amor e também uma espécie de desespero — não consigo encontrar outra palavra. Ela pronunciou palavras monossilábicas, não ergueu os olhos e apenas sorriu — submissa e obstinada. Só por aquele sorriso, reconheci minha Zinaida de antes. Papai encolheu os ombros e ajustou o chapéu na cabeça, o que nele era sempre um sinal de impaciência... Depois ouvi as palavras: “*Vous devez vous séparer de cette...*”.* Zinaida ergueu a cabeça e os ombros, estendeu o braço... De repente, diante de meus olhos, ocorreu algo inacreditável: meu pai, de modo brusco, levantou o chicote com o qual fustigava a poeira das abas de seu casacão e ouviu-se um estalo cortante naquele braço, nu até o cotovelo. Mal consegui me conter para não gritar, mas Zinaida teve um sobressalto, fitou meu pai em silêncio e, lentamente, ergueu o braço aos lábios e beijou a cicatriz vermelha. Meu pai jogou o chicote para o lado e, subindo às pressas a escadinha da porta, entrou na casa de supetão... Zinaida deu meia-volta e, depois de estender o braço e erguer a cabeça, também se afastou da janela.

Num desfalecimento de medo, com uma espécie de espanto de perplexidade no coração, recuei às pressas, dobrei a esquina correndo, por pouco não deixei fugir o Elétrico e voltei para a margem do rio. Não conseguia entender nada. Eu sabia que, em meu pai frio e contido, às vezes ocorriam rompantes de raiva, mas mesmo assim não conseguia de maneira nenhuma compreender o que tinha acabado de presenciar... Porém ali mesmo senti que, enquanto vivesse, seria impossível para mim esquecer o gesto, o olhar, o sorriso de Zinaida, senti que sua imagem, aquela imagem nova que surgiu de súbito na minha frente, havia se gravado para sempre em minha memória. Eu olhava atordoado para o rio e não notei que as lágrimas escorriam. “Batem nela”, pensei. “Batem... batem...”

— Ei, o que há com você? Vamos, me dê o cavalo! — irrompeu a voz de meu pai atrás de mim.

Mecanicamente, entreguei-lhe as rédeas. Ele montou no Elétrico... O cavalo, que havia esfriado, empinou sobre as patas traseiras e saltou uma braça e meia para a frente... mas logo meu pai o dominou;

cravou as esporas no flanco e lhe deu um murro no pescoço... “Ah, não estou com o chicote”, exclamou.

Lembrei o assovio e o estalo recentes daquele mesmo chicote e estremei.

— Onde você o deixou? — perguntei, depois de esperar um pouco.

Meu pai não respondeu e galopou em frente. Alcancei-o. Queria a todo custo ver seu rosto.

— Ficou entediado sem mim? — perguntou, entre os dentes.

— Um pouco. Onde você deixou cair o chicote? — perguntei de novo. Papai olhou rápido para mim.

— Não deixei cair em lugar nenhum — falou. — Eu o joguei fora.

Ficou pensativo e baixou a cabeça. E ali, pela primeira e, sem dúvida, pela última vez, vi quanta ternura e compaixão suas feições severas podiam exprimir.

Partiu a galope de novo e dessa vez não consegui alcançá-lo; cheguei em casa um quarto de hora depois dele.

“Aí está, isso é o amor”, eu disse de novo para mim mesmo, sentado à noite diante de minha escrivaninha, sobre a qual já começavam a aparecer cadernos e livros... “Isso é a paixão!... Como não se rebelar, como suportar um golpe de qualquer mão que seja!... Mesmo da mão mais querida! Mas parece que é possível, quando se ama... E eu... eu que imaginava...”

Aquele último mês me envelheceu muito — e meu amor, com suas perturbações e sofrimentos, parecia-me pequeno, infantil e mesquinho em face daquele outro, ignorado, que eu mal conseguia vislumbrar e que me assustava como um rosto desconhecido, belo, mas terrível, que tentamos distinguir na penumbra...

Um sonho estranho e aterrorizante me veio naquela mesma noite. Sonhei que entrei num quarto escuro e baixo. Papai estava com o chicote na mão e batia com os pés no chão; no canto, Zinaida se encolhia e tinha um risco vermelho, não no braço, mas na testa... E atrás deles levantou-se Belovzórov, todo ensanguentado; abriu os lábios pálidos e, com fúria, ameaçou papai.

Passados dois meses, entrei na universidade, e meio ano depois meu pai morreu (de um ataque) em Petersburgo, para onde tinha acabado de se mudar com mamãe e comigo. Dias antes de sua morte, ele

recebeu uma carta de Moscou que o deixou extraordinariamente agitado... Foi pedir algo a mamãe e, dizem, chegou a chorar, ele, meu pai! Na manhã do dia em que sofreu o ataque, havia começado a escrever uma carta para mim, em francês. “Meu filho”, escreveu, “tenha medo do amor de uma mulher, tenha medo dessa felicidade, desse veneno...” Depois da morte de papai, mamãe mandou uma grande soma de dinheiro para Moscou.

* A senhora deve separar-se dessa... (N. T.)

XXII

Passaram-se quatro anos. Eu tinha acabado de sair da universidade e ainda não sabia o que fazer da vida, em que porta bater: por enquanto, vagava sem trabalho. Numa noite bonita, encontrei Maidánov no teatro. Conseguira se casar e entrar para o serviço público; mas não vi mudanças nele. Como antes, empolgava-se à toa e, como antes, ficava desanimado de uma hora para outra.

— A propósito — disse-me —, o senhor sabia que a sra. Dólskaia está aqui?

— Que sra. Dólskaia?

— Será que o senhor esqueceu? A antiga princesinha Zassiékina, pela qual estivemos todos apaixonados, e o senhor também. Lembra? Na datcha, perto do Jardim Neskútchni.

— Ela se casou com Dólski?

— Sim.

— E está aqui, no teatro?

— Não, em Petersburgo, chegou há poucos dias; está se preparando para ir para o exterior.

— Como é o marido dela? — perguntei.

— Um sujeito bonito, abastado. Meu colega de trabalho em Moscou. O senhor lembra... depois daquela história... o senhor deve estar bem informado a respeito (Maidánov sorriu de maneira maliciosa)... Não foi fácil para ela arranjar um marido; houve consequências... mas com

a inteligência dela, tudo é possível. Vá visitá-la: ela ficará muito contente. Está ainda mais bonita.

Maidánov me deu o endereço de Zinaida. Estava hospedada no Hotel Demut. Velhas lembranças se agitaram dentro de mim... No dia seguinte, jurei a mim mesmo que ia visitar minha antiga *passion*. Mas surgiram alguns contratempos; passou uma semana, outra, e quando afinal me dirigi ao Hotel Demut e perguntei pela sra. Dólskaia, soube que havia morrido quatro dias antes, de modo quase repentino, por causa de complicações no parto.

Tive a impressão de que algo apertava meu coração. A ideia de que eu pude vê-la, não a vi e não a veria nunca mais — essa ideia amarga penetrou em mim com toda a força de uma acusação implacável. “Morreu!”, repeti, olhando aturdido para o recepcionista, saí lentamente para a rua e andei sem saber para onde. Todo o passado veio à tona de uma vez só e se ergueu diante de mim. Eis no que resultou aquela vida jovem, ardente, radiante, eis o que ela tanto almejava, afoita e turbulenta! Eu pensava assim e imaginava as feições queridas, os olhos, os cabelos cacheados — dentro de uma caixa apertada, na escuridão úmida, subterrânea —, ali mesmo, perto de mim, que continuava vivo, e quem sabe a poucos passos de meu pai... Eu pensava tudo isso, forçava a imaginação, e no entanto:

*De lábios indiferentes, recebi a notícia da morte
E, indiferente, ouvi a notícia...*

Os versos soaram em minha alma. Ah, juventude! Juventude! Você parece não ligar para nada, parece possuir todos os tesouros do universo, até a tristeza lhe traz contentamento, até o desgosto lhe cai bem, você é confiante e ousada, você diz: Só eu vivo — cuidado! Mas também para você os dias correm e somem, sem conta e sem deixar vestígio, e tudo em você desaparece, como a cera sob o sol, como a neve... E talvez todo o segredo de seu encanto consista não na possibilidade de fazer tudo, mas na possibilidade de pensar que você fará tudo — consista justamente em que você solte aos ventos forças que não saberia empregar de outro modo — consista em que cada um de nós se considere a sério um perdulário, e acredite a sério que tem o

direito de dizer: “Ah, quanta coisa eu faria se não tivesse desperdiçado meu tempo!”.

E assim sou eu também... Quantas esperanças eu tinha, quanto eu esperava, que futuro rico eu previa, quando o fantasma de meu primeiro amor vinha à tona por um instante, evocado por um único suspiro, por um único sentimento de tristeza.

Mas, de tudo aquilo que eu esperava, o que se realizou? E agora, quando em minha vida já começam a baixar as sombras do entardecer, o que me restou de mais fresco, de mais caro, do que as lembranças daquela tempestade primaveril, matutina, que passou tão depressa?

Mas não devo me acusar injustamente. Naquele tempo jovem e leviano, não fiquei surdo à voz triste que apelava a mim, no som solene que vinha da sepultura. Lembro que, dias depois de saber da morte de Zinaida, eu mesmo, movido por um impulso peculiar e irresistível, presenciei a morte de uma pobre velha que morava em nossa casa. Coberta de andrajos, deitada sobre tábuas duras, com um saco embaixo da cabeça, ela expirava de modo difícil e penoso. Toda a sua vida transcorrera numa luta amarga contra as necessidades cotidianas; não conheceu alegrias, não provou o mel da felicidade — como não se alegrar com a morte, sua liberdade, seu repouso? No entanto, enquanto seu corpo seco ainda resistia, enquanto o peito ainda se erguia agonizante sob o braço que jazia gelado sobre ela, enquanto suas últimas forças não a abandonavam — a velha continuava a fazer o sinal da cruz e não parava de murmurar: “Senhor, liberte-me de meus pecados” — e a expressão de medo e de pavor do fim só desapareceu de seus olhos com a última centelha de consciência. Lembro que ali, junto ao catre da pobre velha, temi por Zinaida e me veio a vontade de rezar por ela, por meu pai... e por mim.

Copyright © 2015 by Companhia das Letras

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Pervaia liubov

PREPARAÇÃO

Leny Cordeiro

REVISÃO

Huendel Viana

Ana Maria Barbosa

ISBN 978-85-438-0436-1

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br